

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

E' JA conhecido o testamento do dr. José de Figueiredo que confirma a bela e nobre lição de toda a sua vida. Entre os seus contemporaneos, raros o igualaram no cuidado com que serviu o país e se devotou á reconstituição do nosso passado artistico.

A sua grande preocupação resumia-se no seguinte: fazer do «Museu das Janelas Verdes» — preferimos esta denominação — o refugio sagrado das reliquias do velho tempo. Nunca, entre nós, houve quem se devotasse a um culto com mór fervor e dedicação. Quer em Portugal quer no estrangeiro, não pensava noutra coisa senão em enriquecer os tesouros que reconquistava á ganancia, á ignorancia, ás ruínas e ás delapidações dos prodigos.

O seu testamento abona para além da morte o seu vigilante e generoso pensamento: lega as suas proprias preciosidades, os seus queridos quadros, aos museus da sua afeição. Deixa a soma de esc. 100.000\$00 para a instituição dum premio anual como recompensa destinada á melhor obra sobre assunto de belas artes em que se revele simultaneamente o historiador, o critico e o juizo analitico.

Os anos irão decorrendo alegres ou tristes, mas o exemplo da sua acção desinteressada e honrada irá assumindo vulto através das gerações que não esquecerão o seu nome, dizendo:

— Este não se limitou a buscar honras e proveitos, porque reuniu uma riqueza de que beneficia um povo inteiro.

* * *

SUBIU ao Supremo Tribunal Administrativo um recurso por reclamação contra a liquidação adicional sobre imposto de sucessões e doações, liquidação feita em termos que o autor considerou ilegal, a-pesar do parecer contrario da instancia anterior.

Não é necessario entrar nos pormenores da questão para ela se entender; basta transcrever um periodo do accordo, e que por si esclarece e restabelece doutrina:

«... No caso em questão, os bens foram avaliados no inventario depois de decorridos mais de nove anos desde a abertura da herança de ... e, portanto, o aumento que os seus bens tiveram é meramente ocasional e não transmitido pelo autor da herança, pelo que o imposto não o pode nem o deve atingir. E' esta a doutrina sustentada em varios accordos por este Tribunal em casos identicos, e que mais uma vez mantem, por a reputar a mais legal e juridica».

Foi revogado o accordo anterior, neste recurso contra a Fazenda Nacional, concedido provimento ao recurso, anulada a liquidação e mandado que se substitua por outra legal, e conforme ao espirito da lei.

* * *

DEU-NOS hoje a honra da sua visita o sr. engenheiro Duarte Pacheco, illustre presidente da Camara Municipal de Lisboa, a quem agradecemos os cumprimentos e a visita.

TERUEL

Ha cidades obscuras, sem monumentos nem cronicas brilhantes, afastadas ás vezes do comercio das gentes, ninhos de aguias escondidas nas montanhas ou clareiras no meio das brenhas, que repentinamente atingem um grau de celebridade que as impõe á atençaõ e ao respeito universais.

Teruel esia neste caso. Não pertence ao numero das tentações fulgurantes da Espanha — como Santiago, Toledo ou Sevilha. Deve ás guerras a notoriedade de que gosou e gosa, afogando-se sob o manto das neves com a sua aureola de sangue.

Não existe nada para suggestionar as massas, forçando-as a reter nomes geograficos, como o tragar das batalhas. Campo de Ourique, Alhambra, Austerlitz, Marne e Changai nunca mais se esquecem. Decidiram-se junto deles destinos que não se arredam facilmente das recordações da humanidade. As ideias não marcham facilmente sem martirio. A persuasão abala os espiritos, mas os preconceitos enraizam-se tão fundo que é necessario parti-los, esmigalhá-los pela força.

Teruel, bem na terra de Aragão, agora metralhada e rasgada no coração das suas juventudes ardentes, assume a importancia dum bastião onde se chocam duas ideologias irreductíveis aos mandamentos da piedade e do perdão. Não se trata, por enquanto, de averiguar quem é mais justo, mas sim qual é o mais forte. Preguntaram um dia a Michelet:

— Qual é o poder terrestre invencível?

O historiador idealista respondeu

— O do povo que, depois de vencer a morte, lutando, vence a propria vida e m a razão e a clemencia.

Falava assim com os olhos do espirito postos na revolução francesa que esfacelara as bases dum regime e duma sociedade, Deus sabe á custa de que violencias, tormentas e crimes. Como após a tempestade vem a bonança — palavras de Camões — assim a pardacenta e reclusa Teruel, varrida e batida pelos furores inclementes da guerra, marca um passo epico, cheio de assombros, no desenrolar dos acontecimentos em que se julgam e aniquilam duas Espanhas.

Durante o Natal e Ano Bom, os povos interromperam os seus duros labores e no abraço fraterno da concordia e do amor puderam mirar-se, por horas, como se um só sentimento os inspirasse. Em roda de Teruel, porém, através do frio, da fadiga, do furor e das inclemencias naturais, os exercitos mantiveram, em pugnas despedaçadoras, mui aceso o torvo odio que os divide.

Porque deixaram de reconhecer-se e considerar-se irmãos, os espanhóis que, dentro e fóra de Teruel, num duelo em que o não-ser supera o valor do ser, movem as aspirações de dois mundos?

Nada vale a nossa existencia, quando nós não conseguimos fortificá-la com esperanças e certezas que resistam ás adversidades da fortuna. As tropas nacionalistas de Franco são o solo da península, tão poderoso e montanhoso, a transformar-se em carne, alma e aspiração incontida, a fim de que o pão seja santificado com as benções do céu e da terra. As hostes governamentais pretendem cavar, na patria de Cervantes, alguns sulcos para correntes novas e empregar os ferreiros de Velazquez no martelamento e fabrico dum edificio em cimento com as frestas e baias viradas para o leste revolucionario.

Em Espanha, não haja duvidas a tal respeito, o homem obedece á lei do seu sangue caldeado em sacrificios e penitencias austeras. Teruel é a expressão heroica da raça, repartida segundo o vento das encruzilhadas.

Oriente ou ocidente?

Não tenhamos pressa em rasgar o véo que oculta os segredos da historia, mas quedemo-nos nesta inabalavel convicção: a Espanha nunca morre pelo destemor com que combate, visto seu corpo, quando coberto de feridas, fulgir como os astros no céu. Ninguém ousará arrastá-la para além do seu querer e do seu ser — a unidade na diversidade e a diversidade na formosura das suas criações.

REALIZA-SE amanhã, á noite, na Sociedade Propaganda de Portugal, no largo do Chiado, a assembleia geral extraordinaria do Grupo «Amigos de Lisboa».

Trata-se da discussão e aprovação da representação estudada e redigida pela Secção de Estetica e Urbanização, a que preside o sr. dr. Alberto de Mac-Bride, e de que fazem parte competentes especialistas, architectos, engenheiros e urbanistas, socios do grupo.

O estudo realizado por aquela Secção, já aprovado pela Junta Directiva, e que diz respeito a um plano de melhoramentos e progressivo desenvolvimento citadino, subordinado a um aspecto pratico, mas que admite varias modalidades — não é um trabalho teorico ou declamatorio. Aprovado que seja pela assembleia geral, será oportunamente entregue pela Junta Directiva á presidencia da Camara Municipal.

A assembleia geral de amanhã occupar-se-á ainda da sede definitiva do grupo, a instalar num local e antiga agremiação de tradições literarias lisboetas.

Os socios do grupo ascendem a meio milhar. E' de crêr que amanhã se reunirá na Sociedade Propaganda de Portugal, ao Chiado, sede provisoria do grupo, toda a «élite» dos olisiponenses, de todas as classes e culturas, pois nos «Amigos de Lisboa», como se sabe, não ha distincção de posições sociais nem de crêdos.

* * *

REALIZA-SE esta noite, no teatro Nacional, a récita de Virginia Vitorino que, com a peça «Camaradas...», buscou uma nova rota na sua carreira de dramaturga. Na maneira franca e portuguesa de encaras o problema mais grave de todas as épocas — a questão social, não recuou em traduzir a sua intenção por uma forma que, sendo brilhante, não deixa de mostrar-se combativa e arrojada.

O publico que sabe com quanta sinceridade Virginia Vitorino cultiva o teatro, dando-lhe a sua inspiração, o seu entusiasmo e o seu talento, apreciava-lhe as peças com um carinho especial.

O serão de hoje, no Nacional, deve revestir-se dum significado a que não ficará alheio o desejo de acompanhar na sua festa uma escritora que, numa época de reticencias e sublinhados, possui e manifesta o firme proposito de não trair a sua missão, considerando o palco o passatempo galante da «sociedade onde a gente se aborrece».

* * *

O SR. Pedro Homem de Melo publicou agora um livro de versos, «Jardins Suspensos», no qual se revela o talento e inspiração do poeta.

A seu tempo, o nosso critico literario se occupará desta obra.

DE LUTO

D. Julieta Mendonça e Costa

Com grande acompanhamento, realizou-se hoje, da sua quinta de Nossa Senhora da Conceição, no Sabugo, para jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João, o funeral da sr.^a D. Julieta Mendonça e Costa, filha do saudoso publicista e grande propagandista do turismo sr. D. Julieta Mendonça e Costa e esposa do nosso estimado colega na imprensa sr. Carlos de Ornelas, director da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, a quem apresentamos sentidos pesames. A extinta era dotada dum grande coração e a sua morte foi chorada por muitas dezenas de famílias do Sabugo, que nela tinham a sua melhor protecção.

D. Mary Cagi

Com 94 anos faleceu hoje a sr.^a D. Mary Cagi, que era a pessoa mais idosa da colónia israelita e disfrutava ainda de grande lucidez, acompanhando com interesse todos os acontecimentos e informando-se a meude da saúde das pessoas de família.

A bondosa senhora era mãe da sr.^a D. Esther Cagi Anahory e dos nossos amigos srs. Jaime, Salomão e dr. Moisés Anahory, a quem apresentamos sentidos pesames.

O funeral realiza-se amanhã, às 12 horas, para o cemitério israelita.

Menino Vitor Manuel Rodrigues Farinha

Faleceu ontem o menino Vitor Manuel Farinha, filho do sr. Manuel Farinha, cabo do batalhão de Sapadores Bombeiros e sobrinho do sr. Francisco Rodrigues desenhador na C. P. e bombeiro voluntário lisboense. O funeral realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da travessa do Pasteleiro, n.º 34, 4.º, para o cemitério de Ajuda.

Libanio Augusto Assis de Brito

Faleceu ontem e sepultou-se hoje, no cemitério do Alto de S. João, o sr. Libanio Augusto Assis de Brito, antigo tipógrafo do *Diário de Lisboa* e que trabalhou nos quadros tipográficos dos jornais *Diário*, *Seculo*, *Capital*, *Patria* e ha alguns anos fazia parte do pessoal grafico do nosso colega *Novidades*.

Ladrões de estrada

ARCO DE BAULHE, 6.—Os gatunos assaltaram esta manhã, no caminho de Vilar Cuñhos, o negociante de gado Agostinho Toninha, ao qual roubaram 16 contos que trazia em dinheiro e um cheque de 8 contos.

O Dr. MENDES RIBEIRO

Mudou o seu consultório para a Avenida da Liberdade, 18.

Metal distendido

PARA CIMENTO ARMADO
Tabiques, tetos, etc.

CASA LINO

Rua Bacalhoiros, 113 — Telef. 2 1374
— LISBOA —

Dr. Sertorio Senna
Retomou a clinica**ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS**

Valem um bom retrato com o formato
18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TEL. 4 7063

A TOSSE

é sempre instantaneamente
aliviada
pelo uso das

Pastilhas VALDA

ANTISEPTICAS
Producto incomparavel
CONTRA

os Defluxos, Dóres de
Garganta, Laryngites,
Bronchites, Grippe,
Asthma, Emphysema, etc.

Encontram-se em todas as
Farmacias
EM LATAS com o nome
VALDA

Representante H. REYNAUD
LISBOA

BEM - FAZER

As comemorações do dia de Reis

Um aspecto da festa que se realizou hoje na Escola para os filhos dos operários das Companhias Reunidas Gás e Electricidade

O dia dos Reis Magos foi hoje comemorado em diversas instituições com festas de caridade, de que beneficiaram especialmente as crianças. Damos em seguida noticia resumida de algumas.

Na Escola dos filhos dos operários das Companhias Gás e Electricidade

Na Escola dos filhos dos operários das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, á rua Vasco da Gama, realizou-se hoje, ás 13 e 30, uma simpática festa infantil que encheu de alegria a buliçosa petizada. Os filhos dos operários que ali recebem instrução, em numero de quatrocentos, dos dois sexos, compareceram antes da hora anunciada, vindo distribuidos pelas quatro camionetas que diariamente os transportam á Escola e depois á sua casas. Pela administração das Companhias Reunidas assistiram á festa os directores srs. dr. Antonio Centeno, Elio Melo Rego, Reuter, Domingos Centeno, José Maria Alvarez e De Korth, e ainda o medico da escola, dr. Marques Pinto, o chefe dos Serviços Sociais, Antonio Nogueira, o mestre da banda, Luiz Preguiça, e as professoras de instrução primaria, lavoires, etc.

Depois de ser servida ás crianças, em mesas higienicas e modernas, uma refeição, que consistiu de sopa de carne, peixe frito com salada e carne assada com arroz, iniciou-se a distribuição dos brindes, que se encontravam numa grande arvore de Natal: peças de vestuário, um bolo-rei á cada, e brinquedos. Presidiu á distribuição a sr.^a D. Nazaré de Almeida Centeno Infante da Camara.

Em nome dos contemplados, agradeceu o aluno Manuel Antonio Pires de Almeida, chefe de «castelo» da «Mocidade Portuguesa» respondendo-lhe o presidente do Conselho de Ad-

ministração das Companhias, sr. dr. Antonio Centeno, que disse da sua satisfação por verificar o bom aproveitamento escolar dos filhos dos operários, terminando por afirmar o desejo de ampliar a escola e a respectiva cantina.

A petizada saiu contentissima com os brindes recebidos e com o excelente almôço, que foi preparado sob a direcção da cozinheira Graçinda Henriques.

No Albergue da Mitra

No Albergue da Mitra realizou-se hoje uma simpática festa que constou de varios numeros de canto e recitação pela popular Mimi da revista infantil «Senhor Doutor» e da distribuição de brindes á 170 crianças de ambos os sexos ali recolhidas. A festa, que se realizou no gymnasio do Albergue, assistiram a esposa do Chefe do Estado, o 1.º e 2.º comandantes da Policia, organizadora de tão bela obra; o dr. Henrique Ruas, medico do Albergue, o sr. Mimon Anahory, director da revista «Senhor Doutor», e muitas senhoras que auxiliaram a distribuição dos brindes.

No Asilo da Junqueira

O Dia de Reis foi festejado no Asilo da Junqueira com uma distribuição de peças de vestuário e brinquedos a cem crianças, ás quais foi servida uma refeição. A festa, promovida pela Sociedade das Casas da Infancia Desvalida, assistiram muitas senhoras protectoras da magnifica obra.

General Daniel de Sousa

Vindo da Madeira, deve chegar amanhã a Lisboa, a bordo do «Carvalho Araújo», o sr. general Daniel de Sousa.

DIABETICOS

Para curar a diabetes não existe na ciencia moderna processo mais certo e eficaz que as curas lito-terapicas (tratamento pelas plantas).

Dr. Aribert de Jax (Paris)

Cada pacote grande de «GLYSANE» Esc. 25800
(Pelo correio sem mais despesa)

O dia religioso

AMANHÃ, 7.—S. Luciano, martir. Regresso do Menino Jesus do Egipto.

Lausperene, sai da igreja do Campo Grande para a das Mercês.

Campo Grande, ás 12 e 30, festa ao Sagrado Coração de Jesus, por instrumental; ás 18, «Te-Deum» e sermão pelo rev. Ferreira Governo e benção.

Mercês, ás 12, missa solene; ás 21, Hora Santa.

DESASTRE DE VIAÇÃO

Quando ante-ontem, pelas 18 horas, Joaquim do Rosario, de 7 anos, morador com seus pais na estrada das Amoreiras, quinta da Mata, atravessava aquela arteria na companhia de um seu irmão de 9 anos, foi colhido por uma camioneta que seguia com grande velocidade. Sofreu graves ferimentos, que lhe produziram a morte imediata.

O causador do desastre foi o «chauffeur» João de Sousa que, segundo o testemunho de varias pessoas, se encontrava embriagado. O corpo da infeliz criança deu entrada na Morgue.

O termometro desce

Esta vaga de frio que tem assolado o nosso país não é coisa vulgar entre nós. Por isso toda a gente se cobre de todos os agasalhos, e todas as senhoras preferem as mais lindas raposas, romeiras, golas e peles de todos os generos, da Casa da Siberia, rua Augusta, 254, esquina de Santa Justa.

Salão Luso Artístico

ERCILIA COSTA

Hoje, grandioso programa, com a actriz-cantora Ercilia Costa, rainha do fado. Cantam Manuel Pereira e Amandio Monteiro, etc. AO Salão Luso Artístico vão as pessoas de bem. Ordem e selecção. Rua Nova da Trindade.

ANTIGO SOLAR DA ALEGRIA

P. da Alegria, 56—Telefone 2 4290

HOJE

Natalia dos Anjos, Margarida Pereira e Domingos da Silva

Esmerado serviço de Restaurante.

Retiro da Severa

Noite alentejana: — BERTA CARDOSO, José Portinho, Xavier Pinto.

Orquestra Tipica Algarvia

Canto Coral

Amanhã: — ERCILIA COSTA

Retiro da Severa Cine-Rex

Rua da Palma

Amanhã: — Grandioso programa de fados, com a exhibição da distinta artista **Berta Cardoso**.

E' imperdoavel actualmente ficar-se diabetico.

Aconsellamos o «GLYSANE», composto de 15 plantas naturais reconhecidas pelos eminentes especialistas como a medicação mais eficaz para lutar contra as causas da diabetes e curá-la.

Agente em Portugal

A. TRAVASSOS

R. D. Estefania, 3, 2.º C.

P. 5 0820

**AERO-PORTUGUESA**

33, R. do Alecrim, 2.º — Telet. 2 3371

Partida aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINE PORTUGUESA E FRANCESA, LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Informações. Wagons-lits // Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal



verdadeira
distinção

Um brilhante, uma pérola, uma esmeralda, na gravata dum homem, é uma demonstração de bom gosto, uma prova de verdadeira distinção. Veja a colecção da

JOALHARIA FERREIRA MARQUES
ROSSIO, 7 9
LISBOA

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Diz-se que o teatro tem, apenas, trinta e seis situações. O cinema multiplicou-as, porém, até ao infinito. A-pesar da produção ser quantitativamente, fantástica, cada filme, embora tenha as características dum genero, acusa sempre, quanto mais não seja, uma situação original.

Vem isto a propósito dessa estu-penda e hilariante comedia «O Par Invisível». É um assunto novo de princípio a fim. O invisível tornou-se vizível. O macabro dos fantasmas desapa-receu, por completo nesta obra. O realizador deu-lhes toneladas de co-mico—ora passeando-os, pelo espaço, no proprio decurso da acção, ora pela terra, em situações da mais estrambotica fantasia.

«O Par Invisível», como disse um crítico, marca uma data no cinema. Abre caminho a inumeras possibilidades novelisticas, explorando o que até aqui parecia inexporavel. Ficará como uma demonstração de bom cinema, que sabe jogar com os imponderaveis e com a realidade, combinando-os mara-vilhosamente.

A festa de Virginia Vitorino

No teatro Nacional realiza-se esta noite a festa de Virginia Vitorino com a 15.ª representação de «Camaradas...», a peça que nos ultimos tempos tem despertado mais acalorada discussão e maior curiosidade por parte do publico, que todas as noites aprecia vivamente não só o sentido caricatural e pitoresco da comedia de costumes, como o aspecto critico da satira social.

Virginia Vitorino

Virginia Vitorino, que deu já ao Teatro meia duzia de peças de exito inconfundi-vel, algumas das quaes foram além das 50 representações, vai ter esta noite, na Casa de Garrett, a justa consagração dos seus meritos de dramaturga, que teve a coragem de pôr em cena um problema da maior actualidade, tratando-o segundo os ditames da sua ideologia politica e social.

Atrás do reposteiro

Estreia-se hoje no Sá da Bandeira do Porto a companhia Palmira Bastos, com a comedia «Grades Floridas», aguardada naquela cidade com o maior interesse. A seguir representará «Mamã Bonita», «Sete Mulheres», «Ama e Senhora», «Riquezas da sua avó» e «Maria Antonietta».

Na companhia que se apresenta no Coliseu, no proximo sabado, haverá uma estreia sensacional com as artistas Felio, equilibristas em escadas, que amanhã chegam a Lisboa, vindas da Corunha.

Vindo da Guarda, onde foi de visita a sua mãe, chega amanhã a Lisboa, o artista Luiz Barreira que, na revista em ensaios no Maria Vitoria, «A Praça de Alegria» se apresentará nos seus numeros e em mais três da referida revista.

—Os ensaios da companhia organizada pelo actor Abilio Alves começam pelas peças, «O Dominó» e «Maria Madalena», no dia 25 do corrente, sob a direcção de mestre Antonio Pinheiro.

—Eda Stichini, que se encontra doente, segue no dia 23 do corrente, no «Carvalho Araujo», para Ponta Delgada, onde se estreia no dia 30, seguindo depois para Angra do Heroísmo e Funchal, para regressar, a Lisboa em fins de fevereiro.

—Vai entrar em ensaios, no Avenida, pela companhia Maria Matos, a comedia original de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, «A Sopa Juliana».

—Depois do Carnaval representar-se-ão em Lisboa algumas peças americanas, varias delas com grande sucesso em Nova York.

—A companhia de Adelina-Aura Abranches, em Viseu, não pôde dar espectáculo no dia 1, na Guarda, em virtude do enorme nevão que caiu sobre aquela cidade, tendo, porém trabalhado nos dias 2 e 3.

—Faz hoje anos o distinto actor Joaquim de Oliveira, já integrado no elenco organizado pelo actor Abilio Alves.

—O nosso colega «O Primeiro de Janeiro» publicou ontem a sua primeira «Página Teatral», sob a direcção do nosso camarada de Imprensa, Mario de Figueiredo.

—As decorações a realizar no Apolo far-se-ão ao mesmo tempo que os ensaios da peça inaugural da nova empresa deste teatro, cuja companhia se começará a organizar brevemente.

—Terminaram no Rio de Janeiro os espectaculos da companhia de que era titular a actriz Ester Leão.

—Terminado o seu contrato na Empresa Antonio de Macedo, Carmencita Aubert deve partir por todo este mês para Buenos Ayres, onde vai actuar no Teatro Maravilhas e na Radio daquela cidade.

«O amor nasceu do odio», no Odéon e Palacio

O ano começou bem nos cinemas. E o Odéon e o Palacio foram contemplados com um filme dos melhores, «O amor nasceu do odio», realização magnifica de H. C. Potter, que aproveitou ainda as lutas pela independencia na Irlanda, que serviram tambem para argumento dou-tro que recentemente vimos nos mesmos cine-mas. Este, porém, é revestido de maior interesse, tocado de mais delicada emoção e valorizado pela admiravel interpretação de Merle Oberon e Brian Aherne, no filme uma inglesa e um irlandês, os inimigos unidos pelo amor e autores da convenção de paz que custa a vida do segundo, através de cenas empolgantes e amorosas.

Nos complementos destaca-se um documenta-rio completo da Exposição de Paris.—R.

Hoje, no Avenida, estreia da comedia «Antes que cases...», pela companhia Maria Matos

Definitivamente, é hoje que sobe á cena no Avenida, a celebre comedia, em 3 actos, original de Carlos Arniches, adaptação de Luiz Palmeirim, «Antes que cases...», cuja protagonista vai ser interpretada pela illustre actriz Maria Matos no papel comico de «D. Wladimira Carneiro de Guimarães», ao lado do primeiro actor Assis Pacheco, no papel de «Pedro Matos». Os demais personagens vão ser realizados pelos artistas Maria Helena, Laura Fernandes, Maria Reis, Margarida de Almeida, Rosina Rego, Lucia Mariani, Antonio Palma, Francisco Costa, Luiz Felipe, Joaquim Miranda, José Monteiro, José Moraes e Alfredo Pereira.

Amanhã, no Trindade, «9 de Abril»

Conforme temos noticiado, estreia-se amanha, no Trindade, pela companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, a peça original do escritor e poeta Antonio Botto, «Nove de Abril» com a seguinte distribuição:

Diogo, Alves da Cunha; Leonor, Berta de Bivar; Florinda, Emilia de Oliveira; Carolina, Maria do Pilar Alves da Cunha; Albertina, Maria Pinto; Genoveva, Maria de Oliveira; Maria Rosa, Olga França; Raul, Penha Coutinho; Artur, Jorge Gentil; Eduardo, Henrique Campos; Carlos, Manuel Bessa e Candido, Manuel Correia, passando-se a sua acção no dia de hoje.

Inicio de uma semana de circo, sabado, no Coliseu

Volta a alegria a Lisboa com os sensacionais espectaculos de circo que começam depois de amanha (sabado), no Coliseu. O mais raro conjunto de atracções. Palhaços para fazerem rir todo o publico. Maravilhas e fenomenos. Programa colossall de grande novidade. Preços baratissimos.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Camaradas...»
Avenida—A's 21 e 30—«Antes que cases...»
Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Balance»
Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«Olaré quem brinca!»

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Lys—A's 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.
Cinéma Ideal—Rua do Loreto.

EDEN-TEATRO HOJE, ás 20,45 e 23 horas

PREÇOS POPULARES!

Poltronas de orquestra... 9\$00
Poltronas... 7\$00
Balcão de 1.ª... 6\$00
de 2.ª... 4\$00
GERAL... 2\$50

com a grande revista

“BALANCE”

HOJE, A'S 16 HORAS. «MATINÉ» INFANTIL, com a revista de mimos, em 2 actos e 16 quadros.

“O Preto Mazalipão”

com entrada livre as crianças acompanhadas.

A seguir, a revista “FANFARRA”

SEMPRE!

SEMPRE!

ETERNAME

no VARIEDADES

A revista-monumento de 1938

Olaré, quem brinca!

A's 8,45 e 11 horas

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ

Em exclusivo 2.ª semana
Lobos do Mar

A's 21 e 30
Tel. 2 717

com Fre die Bartholomew, Spencer Tracy e Lionel Barrymore

CONDES

Essa Pequena de Paris

A's 21 e 30
Tel. 2 717

filme musical com Lily Pons, Gene Raymond e Jack Drake

CAPITOLIO

A grande ilusão
com Eric Strolheim

A's 21 e 30
Tel. 2 717

Agente especial

REX

Caramento en acionai
Valsa Real
Canção Nacional pelos cantadores do Retiro da Severa.

A's 21 e 30
Tel. 2 717

BEETHOVEN
Hip, hip, hurrah!

TIVOLI

O Par Invisível

A's 21 e 30
Tel. 2 717

Constance Bennett, Gary Grant e Roland Young

ODEON

O Amor nasceu do odio

A's 21 e 30
Tel. 2 717

com Merle Oberon e Brian Aherne

PALACIO

O primeiro documentario de grande metragem da Exposição de Paris

A's 21 e 30
Tel. 4 7163

TERRASSE

Alas em perigo
O Lirio Dourado

A's 21 e 30
Tel. 6 3065

JARDIM CINEMA
Evos do século XX
Guerra ao crime

POLITEAMA

Asas Negras sobre Londres
com Karen Morley e Robert Baldwin

A's 21, 5
Tel. 26305

A comedia da vida
Carole Lombard e Fred Mac Murray

CENTRAL

ASAS NA TEMPESTADE

A's 21 e 30
Tel. 2 4381

FESTA BAVA

PANIS

Bonequinha de seda
com Gilda de Abreu

A's 21 e 30
Tel. 2 4381

BARCAROLA

LYS

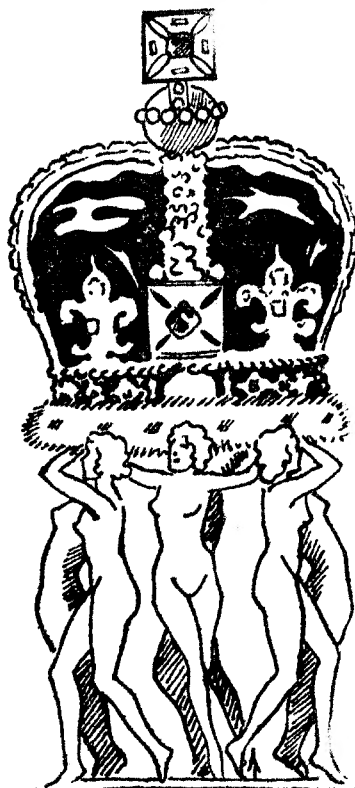
Almas em perigo
Via Lactea

A's 21 e 30
Tel. 2 4381

CASINO ESTORIL
Condottieri

Novidades CINEMATOGRAFICAS

«AS PEROLAS DA COROA»



A estreia de amanhã no Condes

Constitui um verdadeiro acontecimento a apresentação, amanhã, ao publico português, deste celebre filme signé Sacha Guitry.

Não se trata duma produção de extraordinaria e esquisita tecnica, em que apenas têm realce uma figura ou uma cena. O caso de «As perolas da coroa» é diferente.

Este extraordinario filme conta-nos — contar é perfeitamente o termo a empregar — contanos a historia das 7 pérolas do colar que Clemente VII deu a Catarina de Médicis.

São quadros rápidos, como pinceladas de Tiliiano ou de outro grande mestre, são cenas lapidares que nos dão em síntese a aventureira odisseia dessas pérolas até quando a falecida rainha Vitoria de Inglaterra encontrou quatro delas dentro dum fundo falso dum cofre e as mandou suspender da corôa do grande imperio britânico.

Mas nesses quadros rapidos quanta aventura, quanto amor, quantas amargas desilusões!

Passaram as pérolas das mãos de rainhas para as das amantes régias, viram nascer e morrer monarcas, viram as grandes manifestações do amor ou do odio, assistiram a guerras, a vinganças cruéis, tudo isso durante mais de dois seculos.

Mas das 7 pérolas só quatro foram encontradas pela rainha Vitoria. Portanto era necessario descobrir as três restantes. Descobriu-as a fantasia de Sacha Guitry, que em quadros de maravilhosa imaginação nos faz seguir essas três pérolas até abril de 1937, em que sobre o grande paquete «Normandie» nós assistimos ao desaparecimento da ultima delas.

Sacha Guitry mostra-nos neste filme não só quanto vale como actor, mas tambem como realizador e como escritor.

Para obra de tão elevada monta não quis ele confiar a interpretação a quaisquer figuras da cena, mas somente a grandes vultos. E eis como vamos ver neste filme os papeis principais desempenhados por artistas gloriosos, como Ermete Zacconi, Cecile Sorel, Jacqueline Delubac (madame Sacha Guitry), Yvette Pienne, Simone Renant, Marguerite Moreno, Lynn Harding, Aimé Simon Girard, Emile Drain, Jean Louis Barrault, Raimu, René Saint-Cyr e outros.

Por tudo quanto acabamos de escrever calcula bem o leitor o valor dessa estupenda produção que amanhã se estreia no Condes e á qual foi conferida a distincção maxima na bienal de Veneza: O 1.º premio de argumento.

Mas o que é mais notavel ainda é que este filme seja apresentado em Portugal pelo Cinema Condes aos preços habituais, sem qualquer aumento. Por isso mesmo crêmos que será difficil obter-se bilhetes na bilheteira para os primeiros dias, tantos são os bilhetes já marcados para esses espectaculos. E' que este filme é bem digno do publico dum capital como a nossa que sabe apreciar e distinguir aquilo que realmente tem valor.

FESTIVIDADE RELIGIOSA

O seminário de Almada foi hoje inaugurado com uma cerimonia solene a que presidiu o sr. Cardial Patriarca



Aspecto da assistencia á missa pontifical que hoje se realizou no Seminario de Almada

Teve um alto significado religioso a inauguração solene que hoje se realizou do novo edificio do Seminario Patriarcal de S. Paulo, em Almada. O novo seminário é constituído por dois corpos anexos á parte primitiva da construção.

As suas instalações são modelares, satisfazendo todas as condições didacticas e de higiene: grandes painéis de azulejos cobrem os espaços das enormes paredes exteriores que dão para o Tejo, de cujas janelas se disfruta um incomparavel panorama.

Hoje, pelas 9 e 30, realizou-se um solene pontifical, celebrado pelo sr. arcebispo de Mitilene, acolitado pelos reverendos Fernando Duarte e D. João de Castro. Fez de mestre de ceremonias o dr. padre Lage.

Assistiram ao acto religioso todos os superiores e seminaristas.

Cerca das 12 horas, chegou de automovel, o sr. Cardial Patriarca, que se fazia acompanhar dos srs. drs. Carneiro de Mesquita, seu secretario particular, e Pereira dos Reis e conego Felix, respectivamente, reitores dos seminários dos Olivais e de Almada.

O chefe da Igreja portuguesa era aguardado pelo vice-reitor sr. Antonio Campos, professores e seminaristas, e foi vivamente saudado com salvas de palmas e «vivas». Em seguida, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira dirigiu-se para os seus aposentos, e, ás 13 horas, presidiu ao almoço, que se realizou no amplo mas modesto refeitório. Além de todos os superiores e seminaristas, assistiram as referidas entidades que o acompanhavam, e os srs. dr. Abel de Andrade, conego Manuel Anaquim, vigário geral do Patriarcado, conselheiro Fernando de Sousa, dr. Joaquim Dinis da Fonseca, conego Alberto e dr. Honorato Monteiro.

O sr. D. Manuel Cerejeira iniciou a serie dos brindes: as suas primeiras palavras foram para o Santo Padre: mas referiu-se depois aos benemeritos que o auxiliaram na realização da obra do seminário, e teve palavras de carinho para os superiores e seminaristas.

Seguiu-se o sr. conego Felix, reitor do seminário, que, em nome dos superiores, agradeceu as palavras do sr. Cardial Patriarca. Falaram ainda os srs. Fernando de Sousa, dr. Dinis da Fonseca, e, por ultimo, o seminarista Afonso do Carmo, que comovidamente agradeceu, em nome de todos os seus colegas, a presença do sr. D. Manuel Cerejeira e o muito que ele tem contribuido para o desenvolvimento e engrandecimento do seminário.

Pelas 15 e 30, no patio dos Claustros, organizou-se a procissão eucarística, dirigida pelos srs. dr. Honorato Monteiro e o beneficiado Filipe Cardoso.

O sr. Cardial Patriarca paramentou-se na capela privativa do seminário, depois, atravessou os claustros e dirigiu-se para a capela principal.

A benção do novo edificio

Sua Eminencia o sr. Cardial patriarca, paramentado e acompanhado pelos professores e seminaristas e por senhoras das varias colectividades religiosas, atravessou os claustros, entre canticos liturgicos pelos alunos e pela assistencia. Lançou a sua primeira benção ao edificio; depois a um crucifixo que foi colocado numa das paredes da entrada, depois do que abençoou todos os habitantes do edificio, professores e alunos.

Entretanto, a procissão organizou-se. Os conegos Francisco Felix e Pereira dos Reis acolitaram. Ao báculo ia o dr. Carneiro de Mesquita e servia de presbitero assistente o sr. conego Manuel Anaquim.

Às varas do palio pegaram os srs. conselheiro Fernando de Sousa, dr. Abel de Andrade, Albino Macieira, José Trocado, dr. Pedro Ramos e dr. Weiss de Oliveira.

Lisboa foi benzida

O sr. Cardial Patriarca, conduzindo o Santissimo, seguiu debaixo do palio, entre canticos, atravessando novamente os claustros, em direcção ao terraço fronteiro a Lisboa, onde, voltando-se para a cidade, a abençoou, benzendo-a com o Santissimo Sacramento.

Em seguida, a procissão regressou á capela.

Numa das janelas dos claustros, viam-se os srs. arcebispo de Mitilene e bispo de Vatarba.

A hora a que escrevemos, está a commecar a sessão solene, presidida pelo sr. Cardial Patriarca.

Navio tanque para a Armada

Os srs. comandante Duarte Silva e engenheiro Valente de Almeida partiram para Inglaterra, Holanda e Alemanha, a fim de proporem o tipo de navio petroleiro a construir para a Armada, barco que deslocará cerca de 4.000 toneladas.

NO NEGRESKO

Restaurante Bar

Encontra V. Ex.º um finissimo serviço de banquetes. Tel. 295-3

COLEGIO DE CLENARDO

Rua Castilho, 45

Telefone 4 1861

As aulas reabrem no dia 7

A GUERRA CIVIL

Uma parte de Teruel foi já reconquistada segundo afirmou o general

SEVILHA, 6.—O general Queipo de Llano fez ontem declarações sobre a situação de Teruel, para desfazer as duvidas que existia sobre a sorte desta cidade, devido a falsas informações que as autoridades vermelhas puseram a circular especialmente no estrangeiro.

O general declarou que uma parte da cidade foi já reconquistada pelos nacionalistas, enquanto que uma outra parte se encontra ainda nas mãos dos governamentais. Destacamentos nacionalistas, que penetraram na cidade e que se ligaram aos defensores, arrancaram varios edificios das mãos das tropas vermelhas. As operações dos nacionalistas são muito dificeis no interior da cidade, porque a situação geografica e as estreitas ruas de Teruel lhe opõem multiplos obstaculos.

O general entende que a sorte de Teruel não será decidida na cidade mas nos campos de batalha que a cercam e onde os nacionalistas continuam a avançar. A situação dos governamentais em Teruel torna-se cada vez mais delicada pelos movimentos de cerco das tropas nacionalistas que operam em volta da cidade.—(D. N. B.)

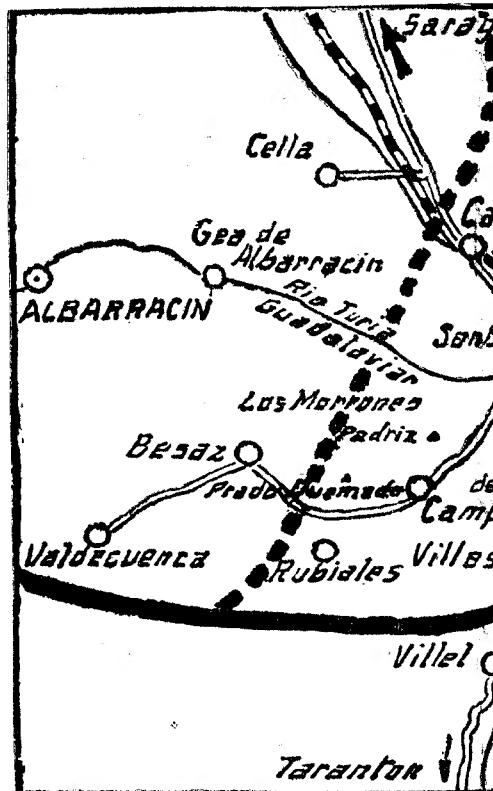
A retirada dos voluntarios

BRUXELAS, 6.—Confirma-se que o coronel do Estado Maior, Vanover Straeten, ajudante de campo do rei e comandante dum regimento de artilharia a cavalo de Louvain, será nomeado pelo governo para presidir á retirada dos voluntarios na Espanha nacionalista.—(Havas)

LONDRES, 6.—Sem darem indicações precisas sobre a ordem do dia da reunião do sr. comité de não-intervenção convocado para terça-feira, 11 do corrente, os meios diplomaticos britanicos dão a entender que ela se ocupará sobretudo da constituição das comissões que serão eventualmente enviadas a Espanha e da relação a estabelecer entre o numero de voluntarios a evacuar e o reconhecimento ás duas partes de certos direitos de beligerancia.—(Havas)

Os combatentes estrangeiros

SALAMANCA, 6.—O correspondente do grande quartel general nacionalista informa da fiente de Teruel que prisioneiros afirmaram de novo que

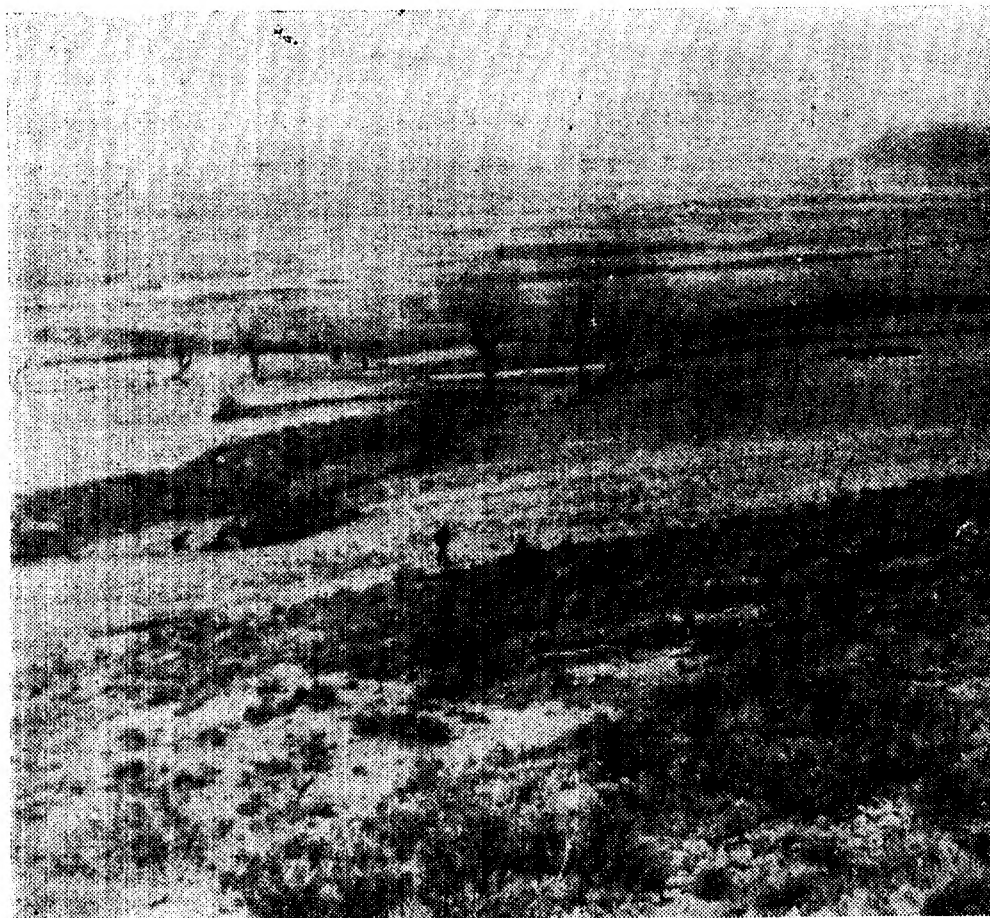


O tracejado mostra o limite maximo da sua offensiva gorado. A linha

do lado vermelho há mais combatentes estrangeiros que espanhóis. O grande quartel general vermelho compõe-se quasi exclusivamente de officiaes franceses.—(D. N. B.)

Deputados trabalhistas em Barcelona

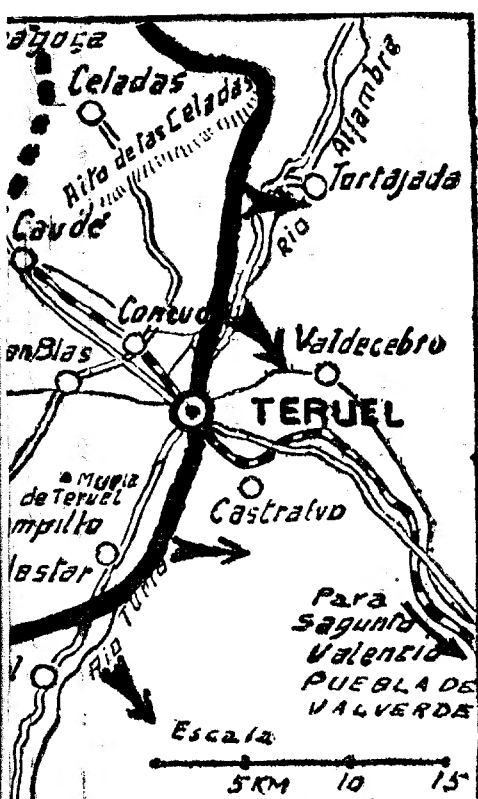
BARCELONA, 6.—Os deputados socialistas ofereceram um banquete em honra dos seus colegas trabalhistas britanicos que se encontram em Barcelona. O ex-ministro inglês Mines Seiwel declarou que a luta que o povo espanhol trava em defesa da sua liberdade e da independencia da Espanha é agora cada vez mais conhecida na Grã-Bretanha. Belarmino Tomas, em nome dos mineiros espanhóis agradeceu aos deputados britanicos o concurso trazido a Espanha. O secretario geral do partido socialista espa-



UM ASPECTO DO CAMPO DE BATALHA DE TERUEL—A elevação do terreno posição estrategica denominada Muela de Teruel

EM ESPANHA

conquistada pelos nacionalistas General Queipo de Llano



do avanço vermelho nos primeiros dias
a linha indica a frente actual

nhol, Lamoreda, explicou o sentido da actual luta.

Os deputados trabalhistas visitaram ontem à tarde as indústrias de guerra e hoje visitarão as frentes de Madrid e Teruel.—(Havas)

Navio nacionalista em porto italiano

GENOVA, 6.—Chegou a este porto o navio «Dugongo», desfraldando o pavilhão nacionalista espanhol. É a primeira vez que um navio nacionalista espanhol ancora num porto italiano.—(Havas)

A liquidação do caso Borchgrave

BRUXELAS, 6.—Os representantes belga e espanhol renunciaram a prosseguir a demanda apresentada ao Tribunal Permanente de Justiça Internacional referente ao assassinio do ba-

ção de Borchgrave e redigiram de comum acordo o seguinte comunicado: «O governo espanhol reconhece que, independentemente da sua vontade, se verificou uma deficiência nos serviços judiciais a quem incumbia continuar o inquérito acerca do assassinio do barão Jacques de Borchgrave, o que se explica pelas circunstâncias excepcionais que a cidade de Madrid atravessava naquela ocasião. O governo belga reconhece que naquelas condições—segundo informações que conseguiu obter—não foi possível determinar que um agente do governo espanhol tivesse participado no crime. Recordando-se que o governo espanhol apresentou desculpas pelo sucedido, prestou, por outro lado, homenagens aos despojos mortais da vítima e indemnizou quem de direito. Por consequência, os dois governos são de parecer de que não há razões para que a demanda continue e, de comum acordo, dão a conhecer a sua desistência».—(H.)

A dívida externa espanhola

LONDRES, 6.—A embaixada da Espanha anunciou que o governo espanhol tomou disposições para efectuar o segundo pagamento das importâncias em dívida, em virtude dos créditos concedidos depois da entrada em vigor do último acordo de «clearing». Os meios financeiros calculam em 73.000 libras o montante deste pagamento.—(Havas)

CRONICA MILITAR

Ha quem se queixe de falta de informações seguras sobre a posição das forças no sector de Teruel.

Não ha motivo para tais queixas porque os comunicados oficiais dum e doutro partido e os abundantíssimos relatos das agências telegráficas e correspondentes de guerra dos jornais estrangeiros situam com clareza e precisão a situação das forças de combate nesse sector.

Para as definir não necessitamos revelar peremores confidenciais:

Depois da conquista, pelas tropas de Aranda, de Celadas, Caudé, San Blas e Conde, e da sua consequente entrada em Teruel pela estrada de Saragoça, o flanco esquerdo nacionalista desalojou o corredor então formado e ocupou a linha Celadas-Teruel mais ou menos ao longo do vale do Alfambra. Destas posições exerce pressão sobre Tortajada e Valdecebro, manobrando de maneira a envolver os vermelhos que se encontram nos arredores a leste e sul da cidade.

Por sua vez, o flanco direito nacional depois de tomar Campillo, Rubiales, Villastar, Muela de Teruel, etc., veio ocupar posições ao longo da margem oeste do Guadalquivir (Turia) ou, o que é o mesmo, a nascente da estrada que liga Teruel a Villavespa, Villastar, Cañete e Tarancon. Este flanco direito manobra de forma a ameaçar Castratvo e a estrada de Teruel a Puebla de Valverde e Sagunto, via principal de abastecimento e renúnciação dos marxistas. Tal estrada e a de Teruel a Tortajada acham-se, na extensão de muitos quilómetros, sob o fogo directo da artilharia nacionalista, o que torna precária a situação dos vermelhos a leste e sul da cidade.

Logo que as condições atmosféricas o permitam, será relativamente fácil aos nacionalistas completarem o envolvimento daqueles restos do exercito de Barcelona.

A primeira fase da batalha de Teruel terminou, como previamos, com o triunfo esmagador dos nacionalistas, que não só restabeleceram as comunicações com a cidade mas também infligiram aos vermelhos perdas morais e materiais gravíssimas e decisivas, superiores às sofridas em qualquer outra operação.

A segunda fase da batalha terá importância muito menor, se o objectivo de Franco se limitar à acção local de atirar o inimigo para longe da cidade.

Será, pelo contrario, muito mais vasta que a primeira se a intenção do generalissimo for a exploração do triunfo a fundo... isto é, até ao Mediterraneo.

JORGE BOTELHO MONIZ

MAXIM'S

reno que se vê ao alto é a importante
Teruel

AMIZADE LUSO-BRASILEIRA

Partiu hoje o dr. Pedro Calmon que teve afectuosa despedida e nos confiou as suas impressões de Portugal

O ilustre historiador brasileiro sr. dr. Pedro Calmon, quis ter a amabilidade de reservar para o nosso jornal as ultimas declarações acerca da sua estada em Portugal. Quasi á hora da partida, com a simpatia e inteligência que o caracterizam, ditou-nos com sincero entusiasmo estas palavras de verdadeiro amigo de Portugal:

—A minha visita a Portugal deu-me um prazer de espirito que só pode ser compreendido por quem cultiva com carinho irredutível—e é o nosso caso—as boas tradições da Raça. Portugal é um livro aberto. Lê-se através dos seus monumentos, das suas veneráveis cidades, das reliquias do nosso heroico passado, da historia de que nos ufamamos. Particularmente para o Brasil, a contemplação dessa paisagem evocativa sugere os compromissos que temos relativamente ao espirito lusiado. É necessario definir esse espirito. Exprime-se sobretudo pelo vinculo linguistico. O idioma será perenemente o laço de união entre o Brasil e Portugal. Formamos no mundo a vasta sociedade de que utiliza e faz florescer a lingua em que Camões cantou a epopeia dos antepassados. Devemos medir as responsabilidades que para nós representa esse vinculo. Ocorre-nos a obrigação dum entendimento frequente e intimo para que ambas as culturas, num entrelaçamento util, somadas as valiosas parcelas, correspondam a importância moral das nossas nacionalidades e da projecção a que têm direito no universo. No afã de prestigiar a irradiação da lingua portuguesa, o Brasil de hoje, pelos seus organismos culturais, apresenta um magnifico acervo de trabalho: «é indispensavel que eu conheça Portugal, cujos escritores tanto admiramos e aplaudimos da outra banda do Atlantico.» Regozijame a criação da Academia Portuguesa de Historia com dez lugares destinados a estudiosos brasileiros. Em breve comemoramos a data da Restauração. Prevejo para 1920—como ainda ontem dizia na Academia das Ciencias ao sr. ministro da Educação Nacional—activa, proveitosa, entusiastica colaboração brasileira aos estudos aqui empreendidos para condigna comemoração da efemeride. A data pertence igualmente ao Brasil, por lembrar inolvidavel capitulo da Historia da nossa formação.

—Que impressão leva das festas de Coimbra?

—O Centenario de Coimbra proporcionou a Portugal o ensejo de glorificar a sua velha Universidade com o concurso de quasi todo o Universo. Realmente, foram a Coimbra representantes das principais Universidades europeias. O Brasil tambem lá esteve na pessoa de Afranio Peixoto, delegado da nossa Universidade. Representei o Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura e o Instituto de Historia e Geografia Brasileiro, secular casa de cultura que não podia deixar de participar do regozijo português quando da celebração do IV centenario da instalação definitiva da Universidade nos paços de D. Denis. O brilho das festas foi realçado pelas pompas tradicionais, pelo esplendor das cerimoniaes, pelo apoio que lhes deu o governo, por todos os actos que reviveram a Universidade de outrora, dos tempos em que grangeou renome mundial, reputação que affaz justamente conserva.

—As conferencias que realizou em Portugal...

—Tive ocasião de fazer quatro conferencias: no palacio de Cristal do Porto, a convite da Sociedade de Estudos Portugueses e sob a presidencia do meu caro amigo dr. Mendes Correia, sobre «um conceito da civilização brasileira»; em Santarem, durante a peregrinação ao tumulo de Pedro Alvares Cabral, a convite do Ateneu, sobre «o perfil historico do Descobri-



DR. PEDRO CALMON

dor»; na Sociedade de Geografia, acerca «duma síntese da evolução brasileira»; e, finalmente, na Academia das Ciencias, sob os auspícios do Instituto Luso-Brasileiro de Cultura, «aproposito do Padre Vieira, Alexandre de Gusmão e D. João VI». Nestas palestras demonstrei o metodo a que obedecem, presentemente, os estudos historicos no Brasil, e o mais moderno criterio de critica, e envolto com a fidelidade que afirmamos aos sentimentos raciais, á Fé e á Gloria dos nossos maiores.

—O acolhimento que lhe foi feito... —Levo a mais profunda gratidão pelo acolhimento que recebi em Portugal. As mais altas entidades do Estado, os professores universitarios, confrades e amigos, e a Imprensa, todos me deram a impressão de que estava como na minha propria terra.

Lamentamos a rapida partida do dr. Pedro Calmon, e o ilustre historiador diz-nos com o adeus de despedida:

—Sigo para Italia e depois para o Brasil, mais depressa do que esperava e desejava. Mas prometo uma nova visita para continuar as minhas pesquisas nos Arquivos e Museus, e para estreitar ainda mais as amizades que aqui contrai para toda a minha vida.

O sr. dr. Pedro Calmon teve uma despedida muito afectuosa, sendo difficil dar uma nota completa das pessoas que compareceram no cais da Rocha de Conde de Obidos. O sr. ministro da Educação Nacional fez-se representar pelo seu chefe de gabinete, sr. dr. Soares Franco, e o sr. dr. Caeiro da Mata usou da palavra a bordo do «Ussukuma», para agradecer a vinda do sr. dr. Pedro Calmon, cujo elogio fez, annunciando que o governo português o vai condecorar com a ordem de S. Tiago, e que a Academia das Ciencias o nomeará seu socio correspondente. Esteve tambem a bordo o sr. embaixador do Brasil, que ontem ofereceu um jantar intimo de despedida ao sr. dr. Pedro Calmon.

PATISSERIE VERRILLLES

O melhor Bolo-Rei

Teatro Nacional

HOJE - 1 e 30

CAMARADAS...

a linda peça em três actos

Original de Virginia Vitorino

O teatro está aquecido.

HOJE — SENSACIONAL BAILE DE MASCARAS

Jantar especial a Esc. 15\$00, incluindo vinhos e entrada

SORTEIO DE PREMIOS ÀS SENHORAS — MUSICA CONTINUA — ALEGRIA — VARIEDADES

As senhoras mascaradas tem entrada livre

O MOMENTO INTERNACIONAL

Surgem dificuldades

para um acôrdo anglo-italiano

PARIS, 6.—A propósito das relações anglo-italianas, o «Petit Journal» escreve: «Um acôrdo bilateral anglo-italiano aparece hoje bastante difícil. Só podem conceber-se negociações se Roma se não apresentasse como porta-voz do bloco italo-alemão ou do grupo italo-germano-nipónico. Do mesmo modo, a diplomacia romana dificilmente aceitará que a Inglaterra fiel ao seu entendimento com a França, defenda a o nosso ponto de vista, ao mesmo tempo que o seu».

«L'Ordre» diz: «Tudo leva a crêr que a Inglaterra só deseja renovar as relações e sem dúvida chegar a uma solução com a Itália. Se isto pode auxiliar a remediar a perturbação europeia nada de melhor, mas estamos na obrigação de dizer que se esta preocupação de aproximação com a Itália, que muito visivelmente se sente em Londres, num momento em que a Itália está na sua atitude e linguagem mais violenta do que nunca, incitará seguramente os italianos a fazer exigências elevadas. E' sempre mau parecer procurar negociações sob o império do receio».

A «Epoque», voltando a ocupar-se das declarações do almirante Suetsugu escreve: «O Japão não faz a guerra ao comunismo. Se massacra os chineses faz na realidade guerra aos brancos. Faz guerra à Europa. O almirante pode atenuar a sua entrevista, mas ela nada perde da sua força e do seu valor. O pretexto ideológico de anti-comunismo dissimulava o mobil imperialista dum povo que quer repelir a Rússia para as estepas do Norte da Sibéria e expulsar a Inglaterra e a França da Ásia do Sul. Da mesma maneira a Alemanha oculta as suas secretas ambições e a Itália ludibria-nos sobre as suas verdadeiras intenções, quando ataca teatralmente o perigo moscovita. Não esperemos que Hitler e Mussolini tirem as mascaras como fez Suetsugu. Tentemos desviar a tempestade, conservemo-nos calmos e prudentes e evitemos provocações, mas armemo-nos bem».

O mesmo jornal diz que «as provas de energia são por vezes salutares. Foi no momento em que a Grã-Bretanha se decidiu a responder à campanha pela T. S. F. da Itália que se estabeleceu contacto entre Londres e Roma. Ha também que assinalar que a Itália adoptou ha algum tempo uma atitude mais prudente relativamente à Espanha».—(Havas)

Avenol vai a Londres e a Paris

GENEBRA, 6.—Joseph Avenol, secretario geral da S. D. N., deve partir brevemente para Paris e Londres. Esta viagem, na véspera da sessão do Conselho do dia 17 de janeiro, em Genebra, reveste-se de importancia particular.—(Havas)

Van Zeeland na Inglaterra

LONDRES, 6.—Neville Chamberlain chega hoje a Londres, vindo de Welshpool, onde passou os ultimos dias das suas férias no castelo de lord Powis. Como se sabe, o Primeiro Ministro inglês substituiu Eden no «Foreign Office» durante as férias. Amanhã receberá Van Zeeland, que se encontra actualmente em Inglaterra. Supõe-se que aquele politico belga terá outras entrevistas com outras personalidades em destaque na politica inglesa.—(H.)

Restaurante

"Os Autenticos"

Rua do Crucifixo, 69 a 73

Sob a gerencia de **Avila**, proprietario da Casa das Velhas.

Cosinha á portuguesa com quartos de dôse.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras: Condessa de Tomar, D. Ana Maria Luiza Cardoso de Meneses (Margarida), D. Isabel Maria Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, D. Gabriela Rebelo de Andrade e Laurinda Pinto Xavier.

BAPTIZADOS

Celebrou-se na paróquia do Santo Condestavel, o baptizado da menina Maria Salomé, gentil filhinha da sr.^a D. Maria Amelia Coelho de Campos Teixeira de Sampaio e do distinto engenheiro sr. Manuel de Sousa Teixeira de Sampaio, servindo de madrinha sua tia materna a sr.^a D. Maria José Guerreiro de Sousa e de padrinho seu bisavô sr. Conselheiro Fernando de Sousa, illustre director do nosso collegio «A Voz», presidindo ao acto o prior da freguesia reverendo Francisco Maria da Silva.

A CARIDADE

No Asilo São Luiz

Decorreu brilhantemente a primeira das quatro recitas de caridade, que ontem de tarde, se realizou no salão de festas do Asilo São Luiz Rei de França, a favor da Associação das Escolas para Crianças Pobres, de que é presidenta a sr.^a condessa de Sabugosa e de Murça, subindo á cena o drama em três actos «La Panthéra» de E. Boulay, á qual as distintas amadoras sr.^{as} D. Maria da Graça Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, D. Sofia Mac-Brid Fernandes, D. Maria de Lima Mayer Ulrich, D. Paulette Richard, D. Maria Luiza Andrade e Sousa, D. Mafalda

O DESEMPREGO EM INGLATERRA

As medidas encaradas para remediar a crise

LONDRES, 6.—No momento em que a Inglaterra tem a consciencia de viver um dos periodos mais prosperos da sua historia, a estatística publicada ontem pelo ministerio do Trabalho, pondo em relevo o grande aumento do numero de desempregados, causou penosa surpresa na opinião publica. Os jornais conservadores provam facilmente que não ha motivos para alarme porque o referido aumento é perfeitamente explicavel pelo mau tempo que paralisou, no mês de dezembro as actividades mais atingidas pelo desemprego. A Imprensa da opposição pede que se execute o programa das grandes obras. Por sua vez, os jornais conservadores respondem, citando como exemplo a experiencia americana que só conseguiu endividar o Estado e fazendo notar que o programa do armamento constitui precisamente um programa de trabalhos de utilidade publica.

O «Times», em artigo de fundo, escreve: «A ultima estatística deve ser lida tendo em conta certos factos. O aumento do numero dos desempregados em dezembro é devido, em parte, a causas proprias da estação e, em parte ao mau tempo, assim como ao aumento da população operaria. Em doze meses, o numero de operarios seguros contra o desemprego aumentou de 350.000, não incluindo os da agricultura».

Noutro artigo, o mesmo jornal, depois de fazer notar que o programa do rearmamento é, só por si, um colossal programa de obras publicas, pede que se não iniciem, por enquanto, novas obras, pois, se se fizesse o contrario, o rearmamento ficaria prejudicado. E', por conseguinte, necessario pôr de reserva outros trabalhos de utilidade publica para quando o rearmamento terminar.

O «Daily Telegraph and Morning Post» observa que Roosevelt reconhece a necessidade duma pausa. Referindo-se depois ao enorme acrescimo da divida do Estado Federal, conclui: «O programa dos grandes trabalhos pode servir para sustar a crise industrial se o remedio for aplicado desde o inicio, mas não pode bastar para se tornar a subir a ladeira. A experiencia americana prova-o».

Por seu turno, o «Daily Herald» não hesita em classificar a situação de «trágica» e pede a execução immediata dum programa de construção de casas para operarios e de electrificação rural.—(Havas).

Quere a sorte grande?
Habillate-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

de Melo Ulrich, D. Maria Tereza Dessaur, D. Ginette Gonthem, D. Aleth de Araujo, D. Maria Filomena Andrade e Sousa e D. Josette Gauthier, deram uma optima interpretação, embora tivessem que lutar com as dificuldades da peça, e a comedia em dois actos de Daniel Aushitzky, «L'Accent de Mariettes» em que tomavam parte as sr.^{as} D. Odette Reynaud, D. Sofia Mac-Brid Fernandes, D. Simone Lesec, D. Isabel Billaud Navarro e D. Maria Emilia da Camara, que se desempenharam com brio dos seus papeis, havendo tambem varios bailados por um gracioso grupo de meninas, ensaiados brilhantemente pela distinta professora do Conservatorio sr.^a D. Encarnacion Fernandes, e tres numeros de musica ao piano, pelas sr.^{as} D. Maria Tereza Sousa Araujo e D. Maria Helena Paillet Alves, que deram boas trechos musicais executados grande realce, sendo todos os interpretes freneticamente applaudidos.

Este espectáculo que hoje se repetiu, com o mesmo exito da véspera volta a repetir-se na tarde de sabado e domingo, estando os poucos bilhetes que restam para essas recitas á venda no porteiro do Asilo São Luiz Rei de França, ao preço de 10\$00.

DOENTES

Foi operado com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves o sr. Tiers do Carmo Rosado.

O melhor Bolo-Rei

Pastelaria COLOMBO

Av. Republica, 10—Telefone 4 9225

AMENDOEIRAS EM FLOR

ALGARVE ORGANIZADO PELA C. P. SERVIÇO ESPECIAL PARA O

A C. P. avisa publico que desde 10 de janeiro estão á venda bilhetes especiais com 45 % de redução das estações abaixo ao Algarve e volta, aos seguintes preços:

De Regua, 357\$00 e 258\$00, respectivamente, em 1.^a e 2.^a classe; de Viana do Castelo, 347\$00 e 252\$00; de Braga, 336\$00 e 243\$00; do Porto, 316\$00 e 228\$00; de Aveiro, 287\$00 e 208\$00; de Coimbra, 265\$00 e 192\$00; de Figueira da Foz, 265\$00 e 192\$00; de Leiria, 238\$00 e 174\$00; de Caldas da Rainha, 215\$00 e 157\$00; de Covilhã, 298\$00 e 216\$00; de Elvas, 283\$00 e 205\$00; de Portalegre, 263\$00 e 191\$00; de Santarém, 203\$00 e 149\$00; e Lisboa, 169\$00 e 125\$00, e de Évora, 159\$00 e 117\$00. De qualquer outra estação devem ser requisitados ao Serviço de Turismo da C. P. Estação do Rossio, 1.^o andar—Lisboa—Tel. 2 4146.

Estes bilhetes permitem para, á ida e á volta em todas as estações do Algarve a partir de Messines—Alte e os da Provincia (excepto de Évora) tambem em Lisboa e são validos para as vias Sado (excepto os de Évora) e Lisboa-Beja.

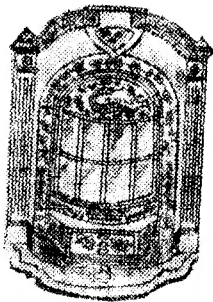
Validade-Lisboa e Évora 10 dias; das outras estações 15 dias.

A C. P. efectuará tambem nesta época as suas conhecidas Excursões de 3 dias «Tudo Compreendido» ao Algarve, as quais serão oportunamente anunciadas, assim como os Comboios Especiais de Excursão a preços populares.

TRIBUNAIS

No 8.^o Juizo Criminal (tribunal do Calhariz) estão sendo julgados Bernardino Rebelo, ex-guarda da Policia de Segurança; Francisco Ferreira Borges, o «Chico de Beja»; Salvador Teixeira e José da Silva, que são acusados de terem bulado Manuel Pedro da Silva, por meio de notas falsas, no valor de dez contos.

A audiencia não deve terminar hoje.

AQUECIMENTO
Fogões e Salamandras

FABRICAS VULCANO E COLLARES

(Carlos Alfredo da Silva, L.^{da})

L. Conde Barão, 13 a 17

LISBOA

BOLSA DE LISBOA
CONTADO

VALORES	Actualizado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
consolidado 3 3/4 1936/37	948\$00	946\$00	948\$00
4 0/0 1934	80\$00	979\$00	981\$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	2.200\$00	2.218\$00	2.221\$00
consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.022\$00	1.022\$00	1.024\$00
4 3/4 1934	1.143\$00	1.141\$00	—
5 1/2 0/0 1933	1.072\$00	1.072\$00	—
xierno 3 0/0 1. ^a Série	1.740\$00	1.738\$00	1.742\$00
3 0/0 2. ^a	1.740\$00	1.738\$00	1.742\$00
3 0/0 3. ^a	1.740\$00	1.738\$00	1.742\$00
autelas sjiuro 3. ^a Série	165\$00	161\$00	165\$00
Ações			
BANCOS			
Espirito Santo e Comer	—	—	—
cial de Lisboa	—	—	—
Lisboa & Açores, port.	—	—	—
Portugal, portador	1.125\$00	1.123\$00	1.125\$00
C.^a DE SEGUROS			
Conaça	960\$00	—	—
Idelidade	—	—	—
Mundial	247\$00	246\$00	249\$00
Nacional	—	—	—
Agres	—	1.250\$00	—
Agus	—	—	—
C.^a DIVERSAS			
P. ordinaria	—	—	—
privilegiadas	—	11\$50	—
Agus de Lisboa, port.	—	80\$00	—
ass. 1934	—	145\$00	—
ass. 1936	—	—	150\$00
Credito Predial	—	14\$00	14\$50
Gaz e Electricidade	316\$50	316\$00	316\$50
Portugal e Colonias	84.00	84\$00	84\$30
avegação	130\$50	130\$00	131\$00
Portuguesa de Pesca	—	270\$00	—
de Tabacos	405\$00	405\$00	406\$50
Tabacos de Portugal	—	352\$00	355\$00
Tabaqueira	—	190\$00	200\$00
Uniao Electrica Portug.	—	—	—
COLONIA			
Açúcar de Angola	385\$00	386\$00	388\$00
usi — 1. ^a emissao	—	48\$50	49\$00
— 4. ^a	—	—	—
Uniao do Principe, as.	380\$00	379\$00	381\$00
Obrigações			
P. 0 0/0	—	195\$00	200\$00
Prediais 0 0/0 — 1932 1. ^a S	—	96\$00	96\$00
0 0/0	104\$50	104\$50	104\$50
Uniao Elect. Port. 6 1/2 0/0	105\$00	104\$50	106\$00
usi 9 0/0	111\$00	115\$00	115\$00
0 1/2 0/0	120\$00	120\$00	120\$00

HENRIQUE DE BARRROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 69

CAMBIOS

VALOR	Compr.	Venda
Londres	110\$00	110\$20
Paris	\$74,6	\$74,8
Madrid	1\$27,9	1\$28,1
New-York	22\$00,1	22\$00,1
Amsterdã	5\$09,1	5\$09,0
Berlim	1\$10,7	1\$10,0
Bruxelas	3\$73,1	3\$73,8
Amsterdã	12\$24,6	12\$24,6
Berlim	8\$86,5	8\$88,2
Praga	\$77,2	\$77,4
Uniao de Janeiro	1\$16,0	1\$16,2
Uniao ouro	—	—

Diamante
Círculo

Vinho Espumante Natural

CAVES DO BARRÓDÃO - FOGUEIRA-PORTUGAL

MOSAICOS

Goarmon & C.^aTravessa do Corpo Santo, 17
LISBOA - Telef. 21059

MENINO

Victor Manuel Rodrigues Farinha
FALECEU

Manuel Farinha, Justino Rodrigues, sua mulher, filhos, genro e neto, Jerônimo de Oliveira e sua mulher, Antonio Rodrigues e seu filho cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido e extenso filho, neto, sobrinho, primo e afilhado, e que o seu funeral se realiza amanhã, 6.^a feira, pelas 10 horas, da Travessa do Pasteleiro, N.º 34, 4.º, para o Cemiterio de Ajuda.

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
 RUA DE ARAGÓIS, 111 — Tel. 41967
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

BOLO REI
 Receita da antiga CASA MACIEIRA. O
 legítimo encontra-se só a venda na casa
MANUEL NUNES GRILO
 R. Alves Correia, 1 a 7 — Telef. 2 2065
 (Frente ao elevador do Lavra)
 Este estabelecimento encontra-se hoje
 aberto até as 22 horas.

As greves no estrangeiro

O conflito dos padeiros mexicanos

MEXICO, 6.—Continua a greve dos padeiros, havendo completa falta de pão nesta capital. Continua a ser problemático o acordo entre os patrões e operários. Na alimentação, outras corporações ameaçam fazer a greve, por solidariedade, se o conflito não for solucionado até meado do mês.—(Havas).

A viagem do príncipe Miguel

BUCARESTE, 6.—O torpedeiro que transportava o príncipe Miguel chegou a Constanza. O príncipe tomou o comboio para Bucareste, donde partirá para Atenas, durante o dia, pelo caminho de ferro.

Continua a tempestade no Mar Negro. Os serviços de navegação foram interrompidos e assinalam-se sinistros em varios pontos.—(Havas)

Noticias do Brasil

O apoio do exercito ao dr. Getulio Vargas

RIO DE JANEIRO, 6.—O ministro da Guerra, general Gaspar Dutra, e todos os generais com funções nesta cidade estiveram ontem no Cattete, a fim de cumprimentar o presidente da Republica, em nome da força armada. O ministro saudou o Chefe do Estado fazendo votos por um ano venturoso e afirmando que o Exército permanece vigilante, em defesa do regime instituido em 10 de novembro.

O dr. Getulio Vargas proferiu um discurso de elogio, em que agradeceu a manifestação dos generais e explicou os fins da sua administração: engrandecer o país, fazer dele um bloco solido para resistir a todos os embates internos e externos das forças desagregadoras da sociedade e destruidoras da civilização.—(Americana)

Ligação radiotelefónica entre Portugal e o Brasil

RIO DE JANEIRO, 6.—Os jornais referem-se à proxima inauguração da ligação radiotelefónica directa entre Lisboa e o Rio de Janeiro. Todos eles dão pormenores acerca do acontecimento, que, dizem, concorrerá para mais estreitar as relações entre os dois países.—(Americana)

Artistas portugueses

RIO DE JANEIRO, 6.—Inaugurou-se na Associação Brasileira da Imprensa a exposição de pintura do artista português José Ribeiro. Assistiu o dr. Teixeira Soares, secretario da embaixada portuguesa, que representava o dr. Martinho Nobre de Melo. A exposição foi muito visitada.—(Americana)

O presidente Getulio Vargas

partiu para o Rio Grande do Sul
 RIO DE JANEIRO, 6.—Vargas partiu em avião para o Rio Grande do Sul, donde seguirá para a fronteira Brasil-Argentina a fim de inaugurar no dia 9 do corrente, com o presidente Justo, os trabalhos da Ponte Internacional.—(Havas)

Morreu na prisão em Bruxelas

o financeiro Barmat

BRUXELAS, 6.—Julius Barmat, o financeiro que estava envolvido num grande escandalo, faleceu esta manhã, na prisão de Forest. Tinha sido recentemente extraditado da Holanda.—(Havas)

A lingua turca

ESTAMBUL, 6.—O deputado Sabri Toprak apresentou uma proposta para que todos os cidadãos turcos, sem distinção, sejam obrigados a falar exclusivamente a lingua turca e prevê sanções severas para os contraventores.—(Havas).

Edições da "Renascença Grafica"

RUA DA ROSA, 1. 2.

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA 10\$00
 MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES 10\$00
 O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES 8\$00
 BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOAO PAULO FREIRE (Mario) 20\$00
 PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO 10\$00
 Pedidos a Administração do «Diário de Lisboa»

Chegou á Grecia

a noiva do príncipe herdeiro daquele país

ATENAS, 6.—A princesa Frederica Luiza, noiva do príncipe herdeiro da Grecia, chegou ontem á noite, ás 23 horas, á fronteira grega. Devido ao mau tempo, o comboio veio com quatro horas de atraso. Na estação da fronteira a princesa foi recebida pelo seu noivo, que lhe ofereceu um magnifico ramo de flores. Os noivos chegarão a Atenas hoje á tarde. O presidente do Conselho oferecerá á princesa um colar em brilhantes, ornado de dez esmeraldas, em nome do exercito e dos funcionarios do Estado. A cidade de Atenas já está engalanada com as cores gregas e alemãs.—(D. N. B.)

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

Uma declaração de Chautemps

PARIS, 6.—Chautemps publicou uma declaração em que afirma que os conflitos do trabalho recomeçaram com intensidade, o que cria uma situação perigosa para a prosperidade e segurança da França. O governo, diz, entende efectuar a restauração económica e instaurar a ordem social. Dirige um apelo a patrões e operários para que voltem a encontrar-se de novo e concluem novos acordos que, sancionados pelo Governo e Parlamento, terão força de lei.—(Havas).

Premio Nobel da Paz

SANTIAGO DO CHILE, 6.—O Senado aprovou a proposta de Crauchaga, ex-ministro dos Estrangeiros, tendente a apresentar Cordell Hull como candidato ao Premio Nobel da Paz.—(Havas).

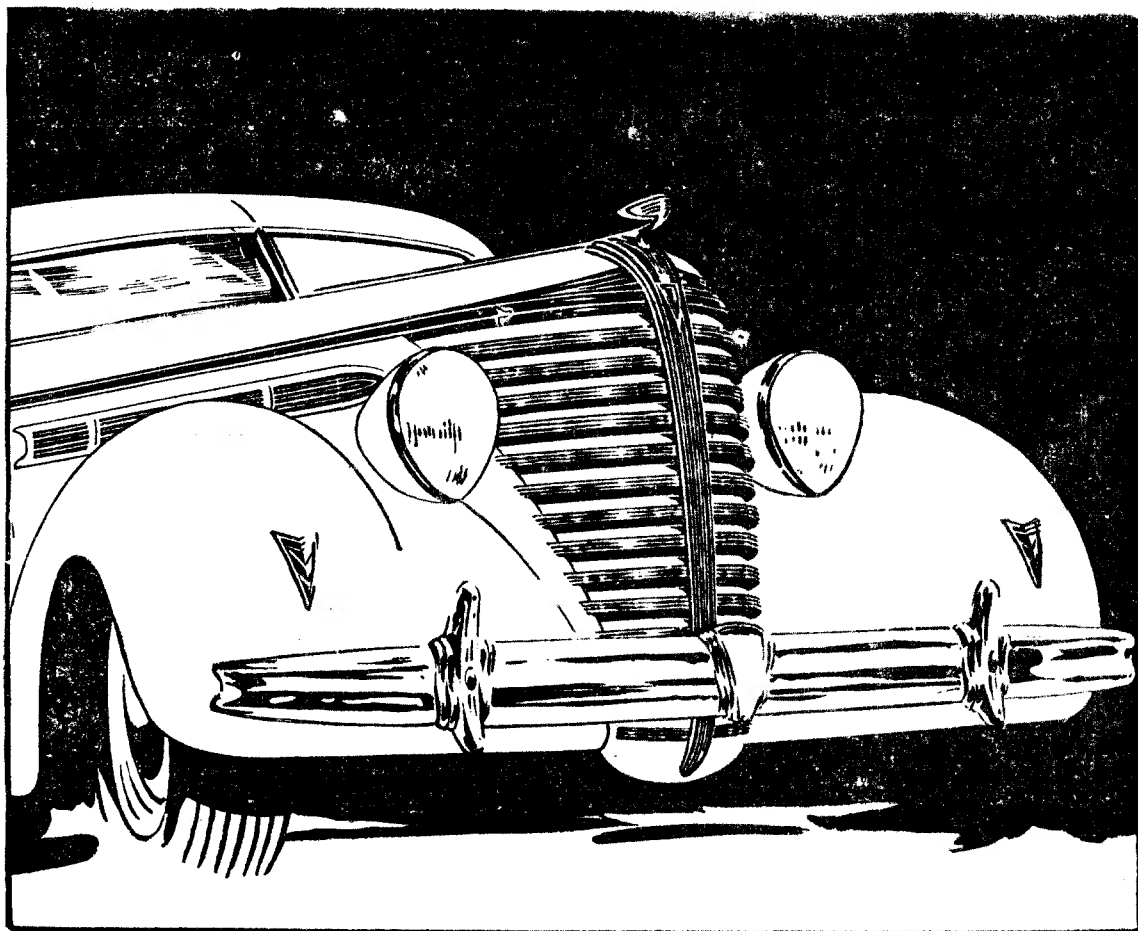
MANTEIGA
"Pensal"
A melhor
Quilo 20\$

DA-WA
CHARCUTERIA
 AV. DUQUE
 D'AVILA 38 B
 TEL. 49764

HUDSON

Apresenta os seus modelos de 1938

BELEZA E MECANICA INCOMPARAVEL!



EM EXPOSIÇÃO

S. I. C. A. L.

AGENTES GERAIS

Avenida da Liberdade

113-115

LISBOA

Super som

- DA -

EMERSON RADIO CORP.

Ouçam! Examinem! e Confrontem
O melhor receptor da S. T. F.

Rua da Conceição, 35-1.º

ULTIMAS NOTICIAS



O MOMENTO INTERNACIONAL

A política externa da Romenia

perante a França, a Inglaterra e a Pequena Entente

PARIS, 6.—A propósito da diligência inglesa em Bucareste, o «Petit Parisien» escreve: «A' hora a que escrevemos a diligência tão amigável como instantânea já se deve ter efectuado. Não é a única. O governo francês procedeu—ao que nos consta—a idêntica diligência. A questão voltará de resto a ser tratada por ocasião da troca de impressões que Eden e Yvon Delbos não deixarão de ter com o seu colega romeno, Micesco. Daqui até lá o gabinete de Bucareste talvez se tenha prudentemente retraído e as intenções manifestadas no ardor do primeiro momento encontrar-se-ão reduzidas a proporções mais razoáveis. E' com efeito arriscado para a Romenia fazer tábua rasa do tratado das minorias. A Hungria por exemplo poderia facilmente prevalecer-se disso para levantar a voz e formular novas exigências. As ultimas noticias chegadas de Bucareste parecem indicar que o governo Goga começou a compreender o perigo».

Na «Oeuvre» Madame Tabouis diz que a Grã-Bretanha se associou ontem a diligência feita na segunda-feira por Thierry, ministro da França em Bucareste, junto de Goga. Thierry chamou a atenção do novo presidente do conselho romeno para o interesse que a França manifestava pelo respeito do tratado das minorias em 9 de Dezembro de 1919. Chamou igualmente a atenção de Goga para o que se tornaria a politica da França para com a Romenia se esta ultima parecesse inclinar-se para o eixo Berlim-Roma na politica geral. (Havas)

Relações na Romenia

BERLIM, 6.—A Imprensa acolhe muito mal a diligência diplomatica feita em Bucareste pela França e pela Grã-Bretanha a favor da protecção á minoria israelita da Romenia.

O «Voelkischer Beobachter», num artigo intitulado «Diligências estrangeiras contra o despertar racista romeno»—em grandes parangonas, escreve: «E' verdadeiramente lastimavel que haja ainda, na presente ocasião, circulos não-judaicos prontos a socorrer a judiaria quando nalguma parte do Mundo um povo desperta e resolve le-

vantar um dique para se defender da exploração e da decomposição judaicas. A tactica dos judeus consiste sempre, em casos semelhantes, em representar os israelitas como uma minoria e reivindicar para eles direitos como se o fossem. Os grupos étnicos alemães na Europa sentiram-se felizes se os ingleses se preocupassem com a sua triste sorte tal qual o fazem em relação aos judeus da Romenia».

O «Berliner Boersen Zeitung» diz: «Por ocasião da opressão exercida sobre as minorias alemãs, depois da guerra, não houve tão grande interesse pela manutenção dos tratados referentes ás minorias concluídos em 1919 e que também diziam respeito ás minorias germanicas». (Havas)

Relações anglo-romanas

BUCARESTE, 6.—Sir Reginald Hoare, ministro da Inglaterra em Bucareste, teve uma larga conferencia com Goga. (Havas).

O reconhecimento do imperio italiano

ROMA, 6.—O Governo romeno avisou o italiano que vai nomear um novo ministro em Roma, cujas credenciais serão dirigidas ao «Rei de Italia e Imperador da Etiopia». (Havas)

A politica da Pequena Entente

BELGRADO, 6.—Entrevistado pelo correspondente em Bucareste do jornal «Vreme», Goga, presidente do Conselho romeno, declarou que aprecia altamente a obra e os intuitos de Stoyadinovitch e que «trabalhará em pleno accordo e harmonia com ele».

«Tenciono», disse Goga, coordenar a politica externa da Romenia com a da Yugo-Eslavia» e acrescentou que fará o possível para se encontrar com Stoyadinovitch, acentuando que brevemente Micesco, ministro dos Negocios Estrangeiros romeno, fará uma visita a Belgrado. Com efeito, os circulos bem informados de Belgrado confirmam que Micesco deve chegar a esta cidade no principio da proxima semana, provavelmente antes da partida de Stoyadinovitch para Berlim. (H.)

O PORTO pelo telefone

A prisão do solicitador

PORTO, 6.—Continua preso num dos quartos particulares do Aljube o conhecido solicitador Arnaldo da Fonseca, com escritório no largo do S. João Novo, que é gravemente acusado pela sua senhoria e cliente Ana Maria das Dores Pinto Bastos, vulgarmente conhecida pela senhora fidalga de S. João Novo, pessoa de avultados bens de fortuna, de lhe ter dissipado, se não a sua totalidade, pelo menos, uma grande parte. O Arnaldo da Fonseca é uma pessoa muito conhecida nesta cidade, razão por que a noticia, ontem publicada no nosso jornal, causou certa surpresa, tanto mais que em certos meios corria, já ha tempos, a versão de que aquela rica proprietária vivia ha muito da ajuda do referido solicitador, o que parece estar averiguado não ser verdadeiro.

Os interrogatorios do Arnaldo da Fonseca continuam a ser orientados pelo director da P. I. C., sr. dr. Abreu da Fonseca, que tem a coadjuvá-lo o agente Souto.

NO NEGRESCO

Restaurante Bar

O MAIS MODERNO E O MELHOR
Deliciosos pratos especiais

Tel. 29583

ARCADIA 2 ORQUESTRAS
JANTAR CONCERTO (15\$00 entrada incl.)

A GUERRA SINO-NIPONICA

Han-Keu foi hoje bombardeada por 38 aviões japoneses

De Han-Keu informam a Reuter que 22 aviões de bombardeamento, escoltados por 16 aparelhos de caça, lançaram 50 bombas sobre aquela cidade. Foram particularmente atingidos o aerodromo e o posto radiotelegrafico e um bairro populoso ficou em chamas. Apesar do fogo nutrido dos canhões anti-aéreos, não foi alcançado qualquer dos aviões niponicos.

Por outro lado informam de Toquio que um destacamento japonês ocupou Tadaankou, vinte quilómetros ao norte de Xu-Fu, de cujo distrito desapareceram os soldados chineses.

A censura telegrafica em Changai

LONDRES, 6.—De Changai comunicam a Reuter: Os censores niponicos chegaram aos escritorios das companhias de cabos submarinos ás 10 e 45 horas. Depois de serem apresentados aos altos funcionarios das três companhias: «Eastern», «Great-Northern» e «Commercial Pacific», tomaram lugar em gabinetes que lhes foram destinados. (Havas)

Estado de sitio em Hong-Kong

TOQUIO, 6.—A Agencia Domei informou de Hong-Kong que o governo declarou ali o estado de sitio. (D. N. B.)

Oito almirantes niponicos admitem que a Inglaterra se deixe vencer no Oriente

TOQUIO, 6.—A Grã-Bretanha pode ser vencida sem recurso á guerra—opinaram oito almirantes reformados, numa reunião organizada pela revista «Hinode», em que se discutiu a eventualidade dum conflito anglo-nipónico. Os almirantes entendem com efeito que a vitória pode conseguir-se simplesmente com uma habil solução do conflito sino-japonês. Segundo os almirantes, os ingleses, prudentes, não se arriscarão a comprometer os destinos do seu país para defender interesses longínquos na China. O essencial — acrescentam os almirantes — é o Japão mostrar-se decidido a lutar. Em apoio da sua tese, os almirantes citaram «os perigosos maneios ingleses» quando das guerras sino-japonesas e russo-japonesa. Não ha, de resto, que falar—concluíram—de «vitória militar» na eventualidade de hostilidades anglo-niponicas «visto que o Japão luta pela paz e justiça e não pela vitória». (Havas)

Cumprimentos britânicos as autoridades niponicas

TOQUIO, 6.—A Domei informa que sir Robert Craigie visitou Hirota. O major Piggott, adido militar britânico, visitou por seu turno o general Sugiyama, ministro da Guerra, e pediu-lhe que transmitisse ao exercito japonês os seus cumprimentos de Ano Bom, em nome do exercito britânico. (Havas)

O governo chinês tem a intenção de pedir a paz?

TOQUIO, 6.—Parece que o governo chinês tem a intenção de pedir a paz. O príncipe Konohe, Hirota, o general Sugiyama e o almirante Yonai tiveram uma conferencia a este respeito, depois da qual foi publicado o seguinte comunicado: «Parece que os chineses, impressionados com a força do Japão, manifestam cada vez mais a intenção de pedir a paz. O maior desejo dos japoneses é assegurar a paz definitiva no Extremo Oriente. Este fim é objecto dos actuaes sacrificios. No entanto, enquanto os chineses não manifestarem claramente real intenção de rectificar os seus erros, os japoneses prosseguirão nas operações mi-

litares até atingirem o seu objectivo final». (Havas)

Gabinete japonês

TOQUIO, 6.—O governo decidiu nomear ministro das Questões Sociais o marquês de Koichikido, actual ministro da Educação, que sobraçará as duas pastas.

Como se sabe, o Ministerio das Questões Sociais, ultimamente criado, começará a funcionar no dia 15 do corrente. (Havas)

A repercussão em Toquio da mensagem de Roosevelt pelo Ano Bom

TOQUIO, 6.—Eis as primeiras reacções á mensagem de Novo Ano de Roosevelt: segundo o «Hochi» os meios navais não estão alarmados com o aumento da marinha americana, pois consideram o plano dos Estados Unidos como estabelecimento desde o fim do tratado de Washington. Entendem no entanto que convem prestar atenção á construção da base hidro-aeronautica de San Francisco e ao reforço das bases de Hawai e ilhas Aleutianas. O mesmo jornal conclui: «O Japão continua o seu armamento defensivo sem se deixar influenciar pelo programa americano».

Em editorial o «Kokumin» vê no programa de armamentos americano uma medida de ordem interna destinada sobretudo mais a mascarar a falencia do «New Deal» do que a ameaçar o Japão. «Os Estados Unidos—diz—não têm outro meio senão os armamentos para evitar a crise economica» e acrescenta: «Pedimos ao povo americano que reveja a sua attitude e que não considere o Japão como inimigo eventual». (Havas)

As temperaturas de hoje

LOCALIDADES	Temperatura na ocasião	Maxima nas 24 horas	Minima nas 24 horas
Lisboa	30,3	70,8	20,2
Porto	...	100,6	20,8
Coimbra	...	90,6	00,3
Montalegre	20,2	00,1	50,5
Moncorvo	20,2	50,9	20,7
Guarda	40,5	00,9	60,5
Serra da Estrela	40,7	00,6	90,6
Castelo Branco	10,2	60,5	10,8
Caldas da Rainha	20,9	40	00,5
Campo Maior	10,9	90	00,1
Monte Estoril	...	...	...
Evora	00,7	40,4	20
Beja	10,1	40,5	10,6
Praia da Rocha	30,7	70,0	20,2
Lagos	40,5	90	10,3
Faro	50	90	20
Caramulo	20,4	40,0	30,6

Exposição dos carros «Studebaker»

Inaugurou-se ontem, á tarde, a exposição dos novos modelos «Studebaker 1938», no «stand» de C. Santos Lda, situado na rua do Crucifixo, n.º 57.

Os novos modelos continuam a marcar pela sua linha característica de elegancia; ha, contudo, que pôr em evidencia os seus aperfeiçoamentos técnicos.

Assistiram á inauguração conhecidos automobilistas e tecnicos da especialidade. Todos foram unanimes em elogiar as belas condições oferecidas pelo «Studebaker 1938», que se mantém no lugar destacado da industria da especialidade que ha muito conquistou.

NOVOS NUMEROS DE VARIEDADES

Artistas Hungaras e Espanholas

Sábado: GRANDE BAILE DE MASCARAS

Junta Provincial do Algarve

FARO, 2.—Realizou-se a posse dos membros que de novo constituem a Junta Provincial do Algarve. Assistiram, além de muito publico, os membros do Conselho Municipal. A posse foi dada pelo sr. Matias Sanches, governador civil de Faro, que, usando da palavra, começou por se dirigir ao presidente cessante, sr. Alberto de Sousa, agradecendo-lhe, em seu nome e em nome do governo, toda sua preciosa acção na presidência da Junta Provincial durante dezoito meses, enaltecendo o desinteresse pessoal com que o sr. dr. Alberto de Sousa, desde sempre, vem servindo o Estado Novo e, sobretudo, a provincia.

Continuando as referencias ao dr. Alberto de Sousa o sr. Matias Sanches disse das qualidades de inteligencia, de caracter e de generosidade reconhecida do presidente cessante depois do que dirigiu os seus cumprimentos ao novo presidente sr. dr. Honorato de Sousa Vaz, medico distinto, cujas qualidades excepcionais de caracter e de trabalho pôs em foco.

Igualmente o sr. governador civil dirigiu os seus cumprimentos a todos os membros da Junta de Provincia e Conselho Provincial, afirmando-lhes que contaria sempre com a sua boa vontade e dedicado esforço.

Seguiu-se o sr. dr. Alberto de Sousa, que pediu a palavra para agradecer ao sr. governador civil as elogiosas referencias que lhe fez.

O orador concluiu agradecendo á Imprensa local, e muito especialmente aos correspondentes da grande Imprensa, que sempre lhe deram inteiro apoio e precioso auxilio nas suas iniciativas, focando em primeiro lugar o nome do «Diário de Lisboa».

Fechou a série dos discursos o sr. dr. Vaz, que agradeceu as referencias amáveis que lhe foram dirigidas e que também se referiu amavelmente á Imprensa.

Conforme em tempos noticiámos, a saída do sr. dr. Alberto de Sousa, do Algarve para Lisboa, penaliza profundamente tanto os seus numerosos amigos como os seus numerosos protegidos, e, duma forma geral, todos aqueles que disfrutavam o prazer espiritual do seu convívio. Porém, o sr. dr. Alberto de Sousa, depois das entusiasticas manifestações de simpatia de que tem sido alvo, no seu discurso feito agora na posse dos novos membros da Junta Provincial do Algarve, demonstrou bem claramente o amor, o carinho e a simpatia profunda que esta provincia lhe inspira, confessando o desejo de continuar a ser o primeiro a defender os interesses algarvios. Quanto á pobreza a quem ele tão generosamente tem acolhido, virá, como o fez pelo Natal, de Lisboa para, como nos demais anos, dar de comer, de vestir e calçar ás inúmeras crianças pobres do seu concelho — S. Braz de Alportel.

Noticias da Murtosa

MURTOSA, 3.—Pela ultima distribuição de subsídios pelas Misericórdias e outras instituições de assistência privada do país foi contemplada a Santa Casa da Misericórdia desta vila com a importância de 4.360\$00.

Em assembléa geral dos Irmãos da mesma Santa Casa da Misericórdia da Murtosa, foram eleitos para a mesa administrativa desta instituição de beneficencia, os srs.: provedor, dr. João Carlos Henriques Tavares de Sousa; vice-provedor, padre Miguel Henriques; secretario, dr. João Carlos Vaz da Cunha; vice-secretario, padre Manuel José Costeira; tesoureiro, José Maria Tavares; vogais, Henrique Afonso de Oliveira Valente e professor José Maria da Silva Freire; substitutos, Henrique José Tavares Junior, Antonio de Oliveira Horta e Antonio Augusto Fidalgo.

Com destino a Lourenço Marques, seguiu hoje para Lisboa o sr. Miguel Maria da Silva Portugal, digno inspector do Ensino Primario, acompanhado de sua esposa e suas interessantes filhinas, devendo embarcar no proximo dia 8 para aquela colonia, a bordo do «Colonial», para onde vai exercer as funções de inspector do Ensino Primario.

Conforme preceitua o Código Administrativo, entraram ontem em exercicio de funções os membros dos corpos administrativos deste concelho, sendo-lhes conferida pelo presidente da Camara Municipal deste concelho sr. dr. Apolinario da Silva Portugal, que proferiu algumas palavras alusivas ao acto.

A nova Camara Municipal da Murtosa é constituída pelos srs. dr. Apolinario da Silva Portugal, presidente; Antonio Augusto Valente de Almeida, vice-presidente; dr. João Carlos Vaz da Cunha e Bernardino José Leite, vogais; João Tavares Pereira e David José Rendeiro, substitutos.

Para AUTOMOVEIS

Baterias U S L — Velas GLOPE
Correias DAYTON

AUTO GERAL

175-R. Fagundes dos Santos 177-Tel. 24051

TEMAS DO NOSSO TEMPO

A vertigem da velocidade

A *Union Castle Mail* desde longa data que tinha a mais rapida, a mais pontual e a mais frequente linha de navegação colonial do mundo inteiro, a de Southampton a Capetown. Os seus vapores magnificos marchavam com pontualidade cronometrica e de que todos os madeirenses se apercebiam duas vezes por semana, pois ás terças, o que no Funchal marcava as seis horas da manhã era a chegada da mala de Southampton, em direcção ao Cabo, e ás quintas a chegada da mala do Sul, em direcção á Inglaterra. E tivessem os vapores boa ou má travessia a pontualidade era perfeita. Os passageiros tinham seis horas, em qualquer dos casos, para verem a bela capital madeirense, pois ao meio dia, rigorosamente, fossem os vapores do sul, fossem os do norte, levantavam ferro.

A *Union Castle* prestava assim um grande serviço ao nosso país, não só pelo transporte rapido da correspondencia de Portugal para Moçambique, via Funchal, e vice-versa, mas porque trazia para a Madeira numerosos turistas ingleses, ficando ali também a descansar muitos coloniais que da Africa do Sul vinham a ferias na Inglaterra.

Mas, como o trafego de passageiros Londres-Africa do Sul era importante e como há sempre descontentes, embora os serviços como o da *Union Castle* sejam modelares, outras companhias appareceram, a fazer-lhe concorrência, com vapores mais rapidos, o *Lloyd Triestino*, com o *Giulio Cesar* e o *Dulio*, que estabeleceu uma carreira rapida mensal entre os portos da União no Mediterraneo, gastando 15 dias de Marselha a Capetown, menos dois que a *Union Castle*, que gastava 17 entre Southampton áquella cidade.

Depois veio a *Holland-Africa-Line*, a fazer uma viagem rapida e também mensal com três excelentes vapores, *Boschfontein*, *Jagersfontein*, *Blomfontein*, realizando o percurso Dower Capetown em 16 dias, e por fim a *Deutsch Africa Line*, com dois vapores, o *Pretoria* e o *Windhuk*, gastando 15 dias entre Southampton e o Cabo.

Evidentemente que a *Union Castle* perdia terreno, mas não hesitou um momento. Era necessario manter o prestigio de sua linha e conseguiu-o não olhando a sacrificios, mandando construir novos navios, transformando algumas das suas unidades modernas. E assim a viagem de Southampton ao Cabo passou a fazer-se em 13 dias e 14 horas e de Southampton ao Funchal em três dias, em vez de quatro, o que é duma importancia consideravel.

deravel para a nossa perola do Atlantico, pois muito maior será o numero de ingleses que irá ali passar temporadas mais ou menos longas.

A *Union Castle* tem já em serviço cinco vapores extra-rapidos: o *Athlone Castle*, o *Windsor Castle*, o *Stirling Castle*, o *Arundel Castle*, e vai pôr no decorrer de 1938 dois navios transformados, o *Warwick Castle* e o *Carnarvon Castle*, assim como o novo *Capetown Castle*.

Todos estes barcos marcharão a 19 milhas á hora e têm uma tonelagem bruta que vai de 20 a 25 toneladas.

Um problema se impunha nos novos itinerarios: a escala de Madeira, onde se receava seriamente que os novos navios tocassem ali a horas incommodas para os passageiros, ou com pouco tempo de escala, mas a *Union Castle* resolveu o caso inteligentemente, para não privar os seus passageiros do prazer dumas horas no Funchal. E assim, nos novos itinerarios os vapores vindos do norte chegam ali ás segundas-feiras ás 14 horas e partem ás 19 horas, e no sentido inverso, chegam também ás segundas-feiras ás 16 horas, repartindo ás 21 a caminho de Southampton.

Alguns navios fazem já este horario, mas em meados de 1938, depois da entrada em serviço do *Capetown Castle*, todos os navios o farão, o que equivale a dizer que graças aos itinerarios dos vapores portugueses, que partem do Tejo aos sabados, e que ás segundas-feiras se encontrarão no Funchal com os da *Union Castle*, Lisboa ficará apenas a 15 dias de Lourenço Marques.

O serviço da *Union Castle* passa a ser feito por sete navios em vez de nove, o que permitirá melhorar a sua linha, em torno de Africa.

Para findar estas notas, devemos dizer que a *Union Castle*, logo que se abriu á exploração o caminho de ferro de Benguela até Elisabethville, previu a escala no Lobito de uma linha intermediaria, mas a crise que o Congo Belga atravessa só lhe permite tocar á ida, pois á volta, o trafego ainda não o justificou.

Paris, Janeiro.

GUERRA MAIO

AOS FUMADORES

Pode-se fumar sem os perigos da nicotina, alcatrão e outros venenos eliminados pela boquilha-filtro dos cigarros «DU MAURIER». Patenteados.

Agente: A. Contreras, Suc.—R. 1.º de Dezembro, 7.

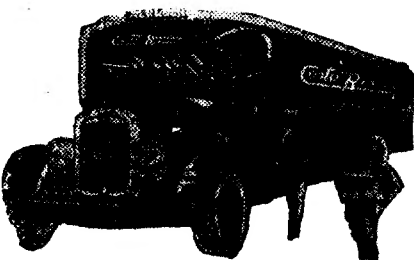
AGUA RADIUM

Mudou os seus escritorios e armazens para: Travessa Marquez Sá da
Bandeira, n.º 12.—Armazem n.º 12
Telefone, 4 7941



Peões! Nas ruas ou passeios,
quando marchem em sentido
contrário, dêem sempre a es-
querda uns aos outros.
Aprendam a andar!

Os saltos e as solas "Enfim", nacio-
nais, rivalisam com as melhores marcas
estrangeiras e são mais baratos.
Aprendam a calçar!



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicílio a Domicílio

Único concessionário da carreira entre Lis-
boa e Porto. Transportes para todo o país
Carros especiais para mobílias.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. João, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 1200

DESPORTES

A selecção da Hungria

Ha a certeza da Hungria apresentar nas Sa-
lesias, no proximo domingo, uma selecção for-
tissima.

O seleccionador húngaro está procurando con-
seguir o concurso de dois elementos do Ferenc-
varos, mas se isso não for possível, seleccionará
integralmente o famoso trio central de ataque
do Ujpest formado por Vince, Kallai e Zsen-
geller.

A selecção de Portugal

Afinal de contas, o seleccionador nacional
sr. Candido de Oliveira resolveu fazer amanhã
mais uma ligeira sessão de treino, no campo
das Salésias.

Depois disso, o seleccionador dirá a ultima
palavra acerca do grupo nacional, e indicará
igualmente os respectivos suplentes.

A selecção portuguesa partirá para o Estoril,
depois de treino, em estagio proveitoso, a fim
de dar um evidente sentido de camaradagem á
«equipe».

O francês Capdeville dirigirá a partida

A Federação Portuguesa recebeu ontem uma
comunicação da Federação Francesa, informan-
do ter sido designado para dirigir o Portugal-
Hungria o arbitro Capdeville, que chegará a
Lisboa nas vésperas do jogo.

HOCKEY EM PATINS

«Taça de Honra 1937»

Foi marcado para amanhã, no «rink» Vasco
Ribeiro, em disputa da «Taça de Honra 1937»,
um encontro entre o C. F. Benfica e o Benfica.

Varias noticias

Continuam no proximo domingo e seguin-
tes os *chás dansantes* na sede do Sporting, que
tão grande exito têm obtido entre os socios do
clube.

A comissão administrativa da Delegação das
Amoreiras do Sport Lisboa e Benfica inicia
no proximo dia 19 um campeonato de bilhar
inter-socios, cuja inscrição será encerrada no
dia 16, pelas 22 horas. Os premios constam de
taças de prata e artisticas medalhas.

A Federação Equestre Internacional de acór-
do com a Sociedade Hípica Portuguesa mar-
cou os dias 28, 29 e 31 de maio e 2, 4 e 5 de
junho, para a realização do Concurso Hípico
Internacional de Lisboa promovido por esta
sociedade.

Para disputa da «Taça da Imprensa reali-
zam-se hoje, no campo do Ateneu, os seguin-
tes desafios: Benfica-Campolide, ás 21 e 30,
e Nacional-União, ás 22 e 30.

Promovido pela direcção do Casa Pia Atleti-
co Club realiza-se no proximo sabado um «an-
tar de homenagem á sua categoria de honra
de «football», encontrando-se aberta, na secre-
taria do clube, a inscrição das pessoas que de-
sejem associar-se a esta homenagem.

Junta de Freguesia do Luso

LUSO, 2.—Tomou posse a nova Junta
de Freguesia de Luso. E' seu presidente o sr.
Joaquim Gomes Pereira Leite, o qual estivera
afastado d'este lugar cerca de quatro meses.

A posse foi muito concorrida.

O sr. José Baptista disse, num curto impro-
viso, da admiração que tem pelo presidente
Leite, de quem são bem conhecidas as quali-
dades de bom administrador. Falou o corres-
pondente do *Diário de Lisboa*, que disse não
felicitar o sr. Leite pelo facto de este se en-
contrar de novo na presidência da Junta, mas
sim felicitar o povo por saber que ele encontra
no referido senhor um dos maiores amigos da
sua terra, qualidade que mais continuará a afir-
mar agora que o mesmo povo lhe concedera o
título de cidadão «lusoense», recompensa aliás
bem merecida.

O sr. Herminio Rebelo, membro que deixou
agora a Junta, dirigindo-se ao sr. Leite, fez vo-
tos pelas suas prosperidades e agradeceu a boa
camaradagem que sempre soube manter com os
seus colaboradores, alguns dos quais continua-
rão a ser seus valiosos auxiliares.

O sr. Leite agradeceu, dando um abraço de
despedida ao sr. Herminio Rebelo, de quem
agradeceu, mais que as palavras, a colaboração.

«A Befana Fascista»

Celebrou-se hoje na Casa de Italia a Befana
Fascista do Ano XVI, dedicada ás crianças da
colónia italiana, sendo-lhes oferecidos brinque-
dos.

Assistiram os srs. ministro de Italia e sua es-
posa, consul e esposa, secretario do Fascio,
funcionarios da Legação e muitos membros da
colónia e numerosas crianças, filhos de italia-
nos, que se apresentaram fardados com o uni-
forme fascista.

Publicações

«Boletim Farmacologico»

Saiu mais um numero do interessante «Bole-
tim Farmacologico», dirigido pelo coronel sr.
João Antonio Correia dos Santos.

TEMAS DO NOSSO TEMPO

EM RESPOSTA

IMPRESSÕES

A ideia imperial

Se o passado e o presente fazem de Portugal uma nação imperial ou, em expressões mais rigorosas, um Estado-Imperial e nunca uma pequena nação que possui grandes colónias, porque antes de tudo se afirma uma fraternidade de povos-nações ou, se quiserem, uma verdadeira comunidade de nações, que se tem mantido indestrutível através de todas as vicissitudes sobranceira a todos os parantescos, interesses e civilização e absolutamente distinta e independente no concerto universal dos Estados, torna-se necessário, e mais do que necessário, urgente dar-lhe corpo, organização que lhe corresponda.

Para que esta luminosa verdade que tem uma tradição gloriosa e uma história imortal nos alumbre com todo o seu esplendor formosíssimo e nos orgulhe com toda a pujança da sua força poderosa, não bastará dizer-se apenas que é da *essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função de possuir e colonizar domínios ultramarinos* e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam, exercendo também a influência moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente, e por conseguinte, concluir que tais domínios, que serão denominados, impropriamente, colónias, constituem, para além de nós, o nosso Império Colonial.

Portugal não pode ser apenas — repito — uma nação que possui colónias — porque esta ideia mesquinha repugna a consciência que sempre teve e tem da sua grandeza, da imprescritibilidade dos seus direitos, dos seus sofrimentos e sacrifícios incomparáveis, de muitos séculos através de mares e plagas de todo o mundo e ainda mais, ela não convém ao poder da sua dignidade de nação que deu mundos ao mundo, libertando-os do cativeiro da escravidão e da ignorância para os erguer às altas esferas da civilização e da liberdade.

Portugal para viver tem de ser um bloco de nações, um Estado-Imperio ou, segundo as expressões do ex-ministro das Colónias, sr. dr. Arminio Monteiro, actualmente nosso embaixador em Londres — uma solidariedade viva em quatro partes da terra, para que todas as suas populações se ajudem e se protejam mutuamente, possam julgar as coisas do mundo com um só pensamento: — Portugal e apreciar os interesses humanos com uma só medida: — o interesse português, e para que então o nosso Império seja uma organização de energia, verdadeiramente nacional, uma colaboração em todos os momentos de todas as raças portuguesas.

Mas para isto tudo, falta-lhe uma organização própria e possante, a-fim-de que da Europa à Oceania todas as partes imperiais, consciente e solidariamente, possam trabalhar, em todos os campos, movidas pelo mesmo impulso de energia gigantesca.

Para que possa a organização que reclamamos corresponder à verdade da nossa história, dos nossos interesses neste momento inquietante e questionador do mundo, e da nossa missão nos destinos superiores da civilização e se exprima em concretos nos quadros da organia geral dos Estados,

Cruzada D. Nuno Alvares Pereira

Solenizando a festa dos Reis Magos foi hoje distribuída na sede da Cruzada Nacional D. Nuno Alvares Pereira uma «lembrança» às crianças pobres filhas de socios daquela patriótica instituição. O presente, que constou de bolo rei, broas, bolachas e brinquedos foi oferecido pela Comissão Administrativa da Cruzada da qual estavam presentes os srs.: Firmínio do Carmo, Benjamin de Lima, dr. Machado Macedo, Carlos Lobato e Almeida e Costa.

Esta comissão, que tem trabalhado incansavelmente para o engrandecimento daquele antigo organismo, conta realizar brevemente uma grande sessão seguida dum sarau a favor do seu fundo de assistência e que pelos elementos que nele tomarão parte deve despertar o mais justificado interesse.

Pensão Castro

Com quartos confortáveis para casal e pessoa só. Comida com abundância. Almôços e Jantares ao domicílio. Recem-se comensais. — T. 2 6877. Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

não basta que o Estado Nacional o queira. É indispensável, é urgente que todos os portugueses o queiram e assim o seu querer, em todos os campos de acção e de pensamentos. E para afirmar o seu querer precisam de unir-se, de organizar-se, sem carácter de partidos, numa vasta instituição patriótica que se proponha alicerçar a força e a grandeza da patria na fraternidade de todos os seus filhos daquem e dalem-mar.

Tal instituição para atingir os seus fins, além de realizar reuniões de propaganda, de editar publicações periódicas e não periódicas e de estudar todos os problemas que interessam ao Imperio, colaborará lealmente com o Estado nas autarquias locais em tudo para que for solicitada para bem do superior interesse publico ou nacional, e no proposito de realizar em todos os campos a harmonia das aspirações de todas as regiões do Imperio e dos seus direitos na Lei, na ordem social e economica pelo usufruto por todas as raças portuguesas dos beneficios do trabalho e de civilização e, finalmente, na ordem politica e administrativa pela interferencia e colaboração de todas elas na organização e funcionamento gerais e parcelares do Estado Nacional.

Em todos os tempos a união foi o mais forte baluarte de defesa das nossas organizações e dos nossos direitos.

Evidentemente que não nos referimos à união amorfa e inorganica, mas muito pelo contrario, á união organizada e disciplinada.

É esta união inspirada no mais acendrado amor da patria que com D. Afonso Henriques realizou o milagre de Guimarães, Santarém e Lisboa e com D. Nuno Alvares Pereira, o Santo Condestavel, a victoria de Aljubarrota e com o povo heroico de Portugal a revolução de 1640.

E foi assim ainda que o Infante Santo conseguiu tornar um minuscúlo país num Imperio que é dos maiores do mundo.

Estes factos historicas, de valor imenso não teriam sido possiveis sem a união de todos os portugueses, em torno das idéas sempre vivas da integridade e independencia do nosso Imperio.

Nesta hora incerta e angustiosa é dever de cada português ter bem patente no seu espirito a compreensão precisa desta verdade incontestavel.

Assim nos aconselham a nossa historia e o orgulho que ela infunde ao nosso espirito, as nossas mais sagradas obrigações para com a patria, e para que tal se torne um facto, sejamos permitidos recordar as oportunas palavras que o illustre ministro das Colónias, sr. dr. Franco Vasco Machado, proferiu ao iniciar as conferencias da Alta Cultura Colonial:

— Portugal e as suas Colónias formam um todo uno e individual. Portugal vai do Minho a Timor. Assim tal portuguesa é a mais humilde cubata dos sertões da nossa Africa, como Porto, Coimbra, Lisboa ou Macau.

É este o principio fundamental da ideia imperial portuguesa.

RAFAEL SERUYA

Carreiras aéreas

entre a Europa e a America do Sul

Chefiada pelo sr. Morris Banks, um dos Directores do Departamento da Aviação Civil do Ministerio do Ar da Inglaterra, encontra-se em Lisboa uma missão inglesa composta pelo sr. W. D. Roberts, vice-presidente da British Airways Ltd. e de três tecnicos desta Companhia, a-fim-de estudar a missão com a cooperação das autoridades portuguesas das facilidades e possibilidades que Lisboa oferece para o estabelecimento da annunciada carreira regular entre a Inglaterra e a America do Sul que a British Airways tenciona realizar.

O sr. Morris Banks é irmão de si Donald Banks, secretario do Ministerio do Ar do governo britânico.

V. Ex.ª
NAO
SABE?
DÓMÚZ
O REI DO
ANIZ

MUTUALISMO PORTUGUES

Meu querido amigo sr. dr. Joaquim Manso. — O sr. Alfredo Franco quis, ontem, no *Diário de Lisboa*, responder-me por eu ter escrito (e dogmaticamente, segundo ele), no meu pequeno opusculo *O Mutualismo como doutrina social*, (cuja 2.ª edição acaba de ser posta á venda) que «em Portugal, o movimento pode dizer-se embrionario» e que «se não fossem certos socios benfeitores, a maioria das nossas associações de socorros mutuos teria, já ha muito, desaparecido». Ora, a representação, embora dada em termos cortezes e generosos, não é justa. O sr. Alfredo Franco, com todos os seus pergaminhos de «mutualista», tomou a nuvem por Juno. Leu a gentil transcrição que o *Diário de Lisboa* fez de uma pagina do meu trabalho e por ela concluiu, arbitrariamente, que eu, por ser moco, não tinha ainda tempo de conhecer que o mutualismo português começou ha quasi um seculo e que «socios benfeitores, no sentido (?) que eu emprestei á frase, não existem».

Efectivamente, o movimento mutualista português, comparado ao de lá de fora, é, ninguém o pode ignorar, de muito menor importancia. Não foi, todavia, a esse facto que pretendi aludir quando capitulei de *embrionario* o movimento em Portugal. Eu estudei a essência filosofica do Mutualismo — e não os exitos ou as vicissitudes das associações de socorros mutuos nacionais. Com que fim? Só este: o de advogar (de acordo com os principios sociais e juridicos do nosso tempo), para todos os movimentos de previdencia, a direcção e a fiscalização do Estado. Foi por isso que citei as *Casas do Povo* e as *Casas dos Pescadores*, para iluminar a afirmação posterior de que «a maioria das nossas associações de Socorros Mutuos teria já ha muito desaparecido, se não fossem certos socios benfeitores». Escrevi á maioria e não á totalidade. O sr. Alfredo Franco cita-me três ou quatro as associações florescentes. Multíssimo folgo com isso, embora não possa deixar de observar que os seus exitos se devem, se não no todo, ao menos em parte aos seus socios benfeitores. Ora, são socios benfeitores todos os que, por dadias, de dinheiro ou de acção, (quando acabara em Portugal o respeito pelo lugar comum?) beneficiam a vida das sociedades a que pertencem. Aliás, eu frizei isso ainda para melhor advogar o principio hoje já consagrado juridicamente, de que a previdencia social não deverá restringir-se *facultativamente* aos socios de quaisquer associações de socorros mutuos, mas sim *ampliar-se obrigatoriamente* a cada uma de todas as profissões organizadas pelo Estado em Sindicatos Nacionais, salvante a excepção simpatizante e original das *Casas do Povo* rurais.

Pereceu agora o sr. Franco quais os meus pontos de vista? Para mim, são amorfos todos os movimentos mutualistas cujos fins são *egoistas* por se reunirem a beneficiar *determinados* individuos que têm dinheiro para pagar as cotas e a joia. Nesse sentido é que classifiquei de *embrionario* o movimento agora acentuado, de o Estado conceder a todas as classes organizadas o beneficio da previdencia social — tomada esta no seu sentido mais amplo: casas economicas, seguro na invalidez, etc., etc. Leia, pois, o sr. Alfredo Franco todo o meu livrinho (que não é uma *edição familiar*, porque é editado pela *livraria Civilização*, do Porto, e vai na 2.ª edição) e leia, tambem, a legislação corporativa que saiu pelo Sub-Secretariado de Estado das Corporações e Previdencia Social. Posso garantir-lhe que, ao fim, apesar ainda dos seus pergaminhos de «mutualista», não terá o sr. Franco perdido o seu tempo.

De v., etc. — Manuel Anselmo.

BOLSAS DE ESTUDO

Pelo Instituto para a Alta Cultura, ao abrigo do regimento da Junta Nacional de Educação, foram concedidas bolsas de estudo aos professores dos liceus srs. Medeiros Gouvêa e Faria Torinha.

A caminha

São estas as minhas primeiras impressões de viagem.

O nosso porto de Lisboa, que eu já tinha visto de bordo mais de uma vez, é surpreendente para quem entre ou saia dele. Dois dias depois, na ilha da Madeira, onde chegámos num dia admiravel e sob um lindo sol, estivemos apenas umas horas, mas as bastantes para poder confirmar que aquela ilha é justamente denominada de perola do Oceano.

De facto, com uma linda vegetação e um aprasivel clima é uma verdadeira estância de cura e de repouso. Portugal possui coisas admiraveis.

Devemos orgulhar-nos de possuir tão rica posição climaterica naquela ilha que me dizem, no Funchal, ser um dos portos mais visitados por turistas e que, encantados pelas suas belezas naturais, ali voltam sempre que podem e por vezes ali permanecem durante algum tempo. Já se preparam os madeirenses para os receber condignamente e dar brilho ás grandes festas que algumas centenas de estrangeiros ali fazem todos os anos pela época do Natal e do Ano Bom.

E porque será que muitos portugueses, homens tão ricos que por aí existem, não visitarão aquela sua tão bela propriedade, onde não falta conforto e comodidades naqueles belissimos hotéis que visitei de automovel no pouco tempo que tive, e antes procuram, na grande maioria por snobismo, as terras estrangeiras, onde vão deixar os seus dinheiros que ao nosso desenvolvimento comercial e turismo seria necessário, não indo encontrar melhores panoramas nem melhores divertimentos?

Visitei depois dois portos e terras da colonia de Cabo Verde — S. Vicente e Praia. Umas horas apenas, tambem. Já têm a caracteristica tropical. Amplos e bons portos, invejados por muitas nações que os conhecem e que vêem neles optimos pontos de apoio para toda a navegação, quer com idéas pacificas, quer guerreiras. Têm estas ilhas, logo de longe, um aspecto taciturno, desolador, pelo alcantilado das suas rochas que, abruptamente, se despenham no mar. O sol ardente, sem que vejamos qualquer arvore a cuja sombra dele nos possamos abrigar.

Dizem-me que o interior dessas ilhas é verdejante e produtivo; e realmente, na cidade da Praia, devido á gentileza do governador daquela colonia que me fez transportar no seu automovel ao interior da ilha, verifiquei que realmente assim é. O contraste é flagrante: ha vida, ha vegetação.

E, a proposito, não esquecendo nunca a minha qualidade de antigo aluno do Colegio Militar, devo dizer áqueles que o foram tambem e que me lembrem que mais uma vez se confirmou aquela velha e sem rival camaradagem adquirida naquele colegio! Ali

O dia de Reis na Emissora Nacional

Além do seu habitual programa, a Emissora Nacional transmite, hoje, pelas 20 e 40, uma alocução de S. E. o Cardinal Patriarca de Lisboa a todos os portugueses de boa-vontade.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira falará do seu gabinete do palacio patriarcal, onde se instalou um microfone.

As 18 horas, a Emissora Nacional fará a reportagem radiofonica da cerimonia inaugural das comunicações radiotelefonicas directas com o Brasil, á qual assistirá o sr. embaixador do Brasil e se efectuará no gabinete do sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações. Finalmente, das 23 ás 23 e 30, far-se-á, extraordinariamente, a emissão do concerto que o Grupo Coral Alentejano, acompanhado pela Orquestra Tipica Algarvia, efectua no Retiro da Severa.

Desastre mortal

AROUCA, 5. — Hoje, pelas 15 horas, na estrada que segue para Estarreja, proximo da capela de S. Sebastião desta freguesia, foi colhida por uma camionete do sr. José Ferreira Regalado, de Ovar, a menor Aurora Dias de Almeida, de 12 anos, desta freguesia, filha de Antonio Augusto da Cunha Pinto e de Albina Dias de Almeida, a qual teve morte imediata.

O motorista parou — mas desapareceu em seguida — ignorando-se se se foi apresentar ás autoridades de Ovar ou de Estarreja.

DE VIAGEM

TEMAS COLONIAIS

UM ACONTECIMENTO LISBOETA

da Guiné

fui encontrar, com imensa alegria, um antigo aluno meu que não me tinha esquecido.

Finalmente, numa madrugada, após nove dias da minha saída de Lisboa, começo a divisar terra ao longe que me dizem ser da Guiné Portuguesa.

Contraste absoluto do panorama da colónia de Cabo Verde. Planícies verdejantes. Longos canais em que a navegação de alto bordo se tem de fazer com pericia e avistamos então a ilha de Bolama que a contornamos para entrar no porto da cidade que lhe dá o nome.

Desembarco e sinto-me bem no agradável ambiente que me proporciona o governador, major Carvalho Viegas, amigo de ha tantos anos, camarada leal e sincero desde os nossos tempos dos bancos da grande escola que foi e é o Colégio Militar.

O porto de Bolama é sem duvida bem escolhido como foi para aeroporto das grandes carreiras entre os continentes da Europa, Africa e America. Amplo, resguardado e sempre duma serenidade tão grande das suas águas, que dará por todos esses motivos a segurança indispensável à navegação aérea. Assim o disse e é absolutamente verdade, o capitão Caldeira Pires nos seus relatórios sobre o assunto quando da sua visita a esta colónia.

* * *

Daqui a dias vou assistir pela primeira vez nestas paragens africanas e já como colonial à chegada do vapor que nos traz as notícias dos entes queridos e dos amigos que ai deixámos. Ainda não tive, desta vez, essa sensação e já pressinto em mim a alegria que os outros sentem e me transmitem dizendo que é das sensações mais vivas e sentidas para todos os que por aqui trabalham.

E' um acontecimento que lhes dá a vida, que lhes dá a coragem para a luta e para resistir a uma nova época de trabalho até ao novo regresso do mesmo ou de outro barco que lhes renove as notícias.

E então para aqueles que vivem sós, como eu, ainda que sintam desde logo o ambiente de bom acolhimento como eu tive em toda esta boa gente, seremos atacados pela nostalgia da terra onde nascemos e onde deixámos grande parte dos nossos corações. Mas procurando no trabalho honesto e no bom desempenho dos nossos deveres o proveito e a compensação do nosso esforço, mitigam-se as saudades que nos assaltam e, convencidos finalmente de que a Guiné não é tão má como muita gente ainda supõe, diremos a quem não conhece esta colónia que ela bem merece ter hasteada a bandeira portuguesa.

SALGUEIRO REGO
capitão

Legião Portuguesa

São avisados os legionários do 3.º terço do batalhão n.º 3 que no proximo domingo se realisa uma revista.

Devem os legionários estar no quartel da G. N. R. de Cabeço de Bola às 8 horas menos um quarto prefixas, terminando a instrução às 12 horas.

Não são admitidas justificações de faltas, a não ser por doença devidamente atestada.

A instrução no batalhão n.º 4 recomença no domingo proximo, devendo os legionários apresentar-se nas unidades onde têm recebido instrução às 8 horas e 45.

Os legionários do 1.º terço que já iniciaram a instrução de tiro devem apresentar-se no terminus da linha dos electricos de Carnide às 8 horas e 30. Os 1.º e 2.º comandantes de «lança» devem comparecer na sede do batalhão, na proxima sexta-feira, 7, às 21 e 30.

Brigada Automovel

Por ordem do sr. comandante da Brigada Automovel convocam-se todos os comandantes de «lança», chefes de secção e de «quina» da Brigada Automovel para comparecerem na proxima sexta-feira, 7, na sede da brigada, travessa do Guarda-Mór, 25 (ao Bairro Alto), às 21 horas em ponto.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

A emigração de trabalhadores
para as ilhas de S. Tomé e Príncipe

Angola, com mais de um milhão e trezentos mil quilómetros quadrados de superficie, não tem mais que três milhões de habitantes negros. E esta cifra não tem baixado, mercê das disposições tomadas pelo governo de combate à doença do sono, varíola e outras molestias epidemicas.

A natalidade não é o que devia ser, prolifera, por motivos varios, em que predomina a insuficiente assistência infantil que, devido ás distancias e hábitos inveterados dos negros em não modificarem os seus costumes, e ausencia dos indigenas do sexo masculino, contratados para prestar serviços longe das suas terras e por longo prazo de tempo.

Para obviar esta ultima emergencia, estava estatuido que os contratos não ultrapassassem dois anos, o que até certo modo atenuava as consequências desastrosas da separação dos conjuges e a realização de novos casamentos.

Aparece agora a provincia de S. Tomé e Príncipe a procurar trabalhadores. O seu governador veio a Angola, estudar o assunto com o Governo Geral da Colónia, e fala-se no contrato de muitos milhares de trabalhadores, com a agravante de irem contratados por cinco anos.

Já não falamos nos vencimentos que não são por ai além, mas na falta que esses braços fazem a Angola, e na natalidade que por força ainda diminuirá mais.

E esses negros são os que cultivam o milho, o trigo, o arroz. São os que fazem todo o movimento comercial, a razão de ser do comercio de cereais, que ocupa milhares de brancos, fora o correspondente trafico terrestre e marítimo, avolumação de direitos alfandegarios e do imposto de cubata.

Acresce que Angola, fora dos serviços que directamente dizem respeito aos indigenas, necessita de muitos trabalhadores. As pescarias, empregam dez mil, as açucareiras, igual numero; e temos as fazendas de café, de agave, os caminhos de ferro e a «Diamanga». E em primeiro lugar, a economia angolana, o seu progresso e desenvolvimento não é so falar-se Imperio politicamente, mas que o seja também economicamente. Não se deve dar, necessita também receber.

Produz milho, trigo e arroz, e não sabe o que lhes ha-de fazer. Concorra aos mercados internacionais, dizem uns; mas subam-se os direitos ás mercadorias estrangeiras, para com essas cambiais nos compremem os tecidos, aventam outros; deem-nos trabalhadores, dizem agora S. Tomé, mas o arroz para a sua alimentação continuará a ser importado de Hamburgo, enquanto Angola compensação alguma tem pelo sacrificio feito da mão de obra que fornece, e com boa razão não pode dispensar.

Temos ainda o lado humanitario a apreciar. Assistência, não se resume sómente a tratar os negros quando doentes, e a construir-se bons predios hospitalares. Requer também tratamento paternal, amparo físico e moral. A obrigatoriedade de trabalharem do nascer do sol ao seu ocaso, num clima equatorial, quando nascidos nos planaltos de Angola, na altitude média de 1:500 a 1.800 metros, é extenuante e mortifera.

Horario de trabalho ou antes as decantadas horas estatuidas, não existem. E, todavia, os negros pertencem ás raças humanas.

Portugal nada tem que invejar ás outras nações sobre a obra colonizadora, de protecção e elevação moral do indigena das suas colonias. E todo esse passado humanitario impõe-nos o dever de velar para que essa orientação não seja desviada do objectivo moral que é a honra e a gloria de toda a acção colonial lusa.

Debaixo do aspecto economico, todo o colono angolano também tem o dever de pugnar pelos interesses de Angola. Que haja equidade, e justiça. Não é só exigirem-lhe sacrificios, imporem-lhe obrigações, sem a compensação correspondente. Na comunidade Imperio, todas as colonias devem ter direitos iguais.

ANTONIO AUGUSTO DIAS

Ainda a proposito do centenario
da Banda da Guarda

A proposito do artigo do illustre professor do Conservatorio Teófilo Sagner, publicado no «Diário de Lisboa» sobre o centenario da banda da Guarda Republicana, achamos interessante aclarar um ponto muito importante para a historia da mesma banda.

Trata-se do segundo mestre que a banda teve, o sucessor de Jeronimo Soler—que se chamou Jacques Murat, e não Jacques Morat.

Jeronimo Soler faleceu a 9 de janeiro de 1878, e já Murat era contramestre da banda, pois foi nomeado a 1 de novembro de 1872, e a 14 de janeiro de 1878, cinco dias depois da morte de Soler, era elevado a chefe.

Este Jacques Murat foi uma figura de grande relevo social e intelectual. E foi o seu nome que nos levou a profundar mais as nossas investigações para a Historia da Segurança Publica em Portugal, visto que o seu nome não é citado em nenhum dicionario bibliografico, nem no de Ernesto Vieira.

Ha umas vagas noticias aqui e ali, e nada mais.

Mas Jacques Murat foi um grande artista e descendia duma familia que deixou nome na historia da França.

Foi um excelente pianista, que mereceu muitas vezes do povo da capital grandes manifestações espontaneas nos concertos da banda que se dava no Largo do Carmo, passando depois do ano de 1898 a da-lo dentro do quartel.

Nasceu Jacques Murat a 10 de fevereiro de 1829, na freguesia de S. Tiago, e era filho de Jose Murat e de D. Gertrude, Teodora.

Antes de entrar na banda da Guarda, serviu na dos Granadeiros da Rainha, estando no exercito 2 anos e na Guarda, 30 anos, 11 meses e 16 dias, pois entrou para ella em 22 de junho de 1847.

Tinha o n.º 26 da 1.ª companhia de Infantaria. Fez parte da orquestra de S. Carlos, como chefe dos 2.ºs violinos, da Sé e da Real Capella. E exerceu até o cargo de professor da Gôrta.

Seu pai, Jose Murat, era um emigrado francez descendente directo do general Joaquim Murat, que foi casado com Carolina Bonaparte, filha de Napoleão. Chegou o general Murat a ser Rei de Nápoles e em 1814 foi obrigado a abandonar o reino o que fez, tentando reconquistá-lo, foi preso em Pizzo e fuzilado em 1815.

Foi nesta altura que a familia Murat emigrou para o Brasil e para Portugal. No Brasil houve um ramo o do sr. Luiz Murat, que a faleceu e que foi um grande escritor e fundador da Academia Brasileira de Letras e um

dos mais ardorosos tribunos em prol da abolição da escravatura e ainda um dos primeiros propagandistas da Republica, sendo depois deputado ás Constituintes.

Numa carta que temos em nosso poder, dirigida a José Murat, em 1929, confirmou saber da existencia em Portugal da sua familia, e escreveu: «pois se nalguma coisa tenho orgulho, é ser descendente do antigo cunhado de Napoleão».

Deste dr. Luiz Murat, existe uma neta casada com o catalão Anselmo Mariné.

Da familia Murat existe, numa vila do Alentejo, uma mala conhecida, pela «Mala da Invasão», que o pai de Jacques trouxe quando emigrou.

Jacques Murat, teve um irmão, Joaquim Murat, que foi também musico, e um filho chamado Jorge, que foi violinista no teatro de S. Carlos e que concluiu o curso do Conservatorio aos 17 anos. Este casou com D. Mariana Seixas, da familia dos desembargadores Seixas (condes de Seixas).

Desta illustre familia Murat, existe uma neta de Jacques, com perto de 80 anos, D. Maria da Conceição Seixas Murat Pereira, que foi casada com Guerreiro Pereira, da familia do general Antonio Pereira, fuzilado pelos franceses.

Deste casal nasceram três filhos: A. Murat, que cursou electricidade no Rio de Janeiro, foi protegido pelo seu parente dr. Luiz Murat e mais tarde pertenceu ao «Diário de Notícias», deixando ali curiosissimos inventos; José Murat, que é enfermeiro do Hospital de Santo Antonio dos Capuchos, e Odete Seixas Murat Pereira, hoje Soror Marie Sapelliti, na Casa de Santa Helena (Roma), e que é protegida pela familia Murat, residente na Bretanha (França), e que, segundo informações que temos é uma grande artista pintora.

Jacques Murat, enviuvando, casou em segundas nupcias com D. Joaquina Paula Caldeira, do quem teve uma filha, de nome Henriqueta, sendo sua madrinha a propria rainha D. Maria, que assistiu ao acto do baptismo, vendo-se pela sua presença a importancia e a categoria social de que disfrutava o grande musico, que faleceu inesperadamente no proprio quartel, a 16 de dezembro de 1878.

Foram seus avos Luiz Murat e D. Mariana Turoare, natural e baptizado na Sé de Anché, Reino de França.

E aqui temos nestas breves linhas evocado um grande nome, o do segundo mestre da banda da Guarda, que ontem fez um século de existencia.

ALBINO LAPA

A MUSICA

Um maestro português em Paris

Do ultimo acto do nosso compatriota Pedro de Freitas Branco em Paris data perfeita idéa a seguinte critica, valorizada pelo nome prestigioso do seu autor, Emile Vuillemin:

«Nos concertos: Paderloup, Alberto Wolff cedendo esta semana, o seu estrado e a sua batuta a um grande chefe de orquestra, Pedro de Freitas Branco, vindo de Lisboa, que retomou assim contacto com o publico parisiense. Nenhum dos frequentadores dos nossos concertos sinfonicos esqueceu a brilhante série dos que foram dirigidos entre nós ha alguns anos por este destacado musico. Pedro de Freitas Branco parece ter sido posto neste mundo para dirigir orquestras. A sua alta estatura, a leveza e mobilidade do seu corpo esbelto e vivacidade e autoridade dos seus gestos e as expressões da sua nobre fisionomia iluminada pelo fervor musical, tudo o predestinava para esta missão de animador. Em França ficámos imediatamente impressionados pela espantosa compreensão que da nossa musica moderna manifestou este artista português. Os descendentes de Vasco da Gama são, por tradição, grandes descobridores. E em qualquer parte do vasto mundo, estão sempre como na sua propria casa. Freitas Branco provou-nos mais uma vez, entrando definitivamente na familiaridade das obras primas de Ravel ou de Debussy, que ele interpretou com milagrosa perspicacia. Muitos dos nossos directores de orquestra se sentiram menos á vontade que ele nesta musica. Podem convencer-nos disto executando a sua deslumbrante interpretação da «Valsas» de Ravel. Ninguém como ele sabe preparar o início do ritmo que sai lentamente do silencio como o universo sai um dia do caos

original. Joga-se a ver uma bela pagina de Kipling. O mecanismo da valsa põe-se em movimento com impressionante lentidão. As correntes suspensas materializam-se. O ritmo ternario e giratorio ensaia alternativamente a sua leveza e o seu nervosismo. Por toques habéis estende-se uma mola, move-se uma alavanca, uma biela põe-se em movimento. Tudo isto faz pensar no mecanismo que aquece com precaução o seu motor. E, de repente, um golpe habil, faz surgir a farsa, e o motor começa a marchar bem, com maravilhosa perfeição. Todo o processo se desenvolve então com magnifica facilidade, mas o que eu admiro mais na interpretação de Freitas Branco é este período comovedor de preparação durante a qual ele nos faz compreender que a «Valsas» está ainda em gestação. Todo o resto do concerto foi marcante—conclui o prestigioso critico nesta definitiva critica acérea do nosso illustre compatriota, assim também definitivamente triunfante em Paris.



M^{me} Campos apresenta

BELOSAN

UM APARELHO DE MASSAGEM
SENDO V. EX.^a
A SUA PRÓPRIA MASSAGISTA

BELOSAN da massagem aos músculos e amacia a epiderme.
BELOSAN rejuvenesce a pele, torna-a flexível e assestada.
BELOSAN é superior a qualquer dos cosméticos artificiais.
BELOSAN evita rugas, espinhas e irregularidades da pele.
BELOSAN é prático, manual e facilmente se pode usar.
BELOSAN provoca e assegura a acção e eficácia do creme.
BELOSAN surpreende e entusiasma pelos seus bons efeitos.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS
DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOSACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
TELEF. 21866 - AVENIDA DA LIBERDADE, 35 - LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Estou com aparelho e tubo de creme (amostra) Esc. 35\$00
Estou com aparelho e tubo de creme (grande) Esc. 45\$00

COMPANHIA ALCOBIA
MOVEIS E DECORAÇÕES

14, RUA IVENS, 14

VENDA SENSACIONAL DE MOBILIAS, MOVEIS SOLTOS
E ADORNOS, POR MOTIVO DE BALANÇORedução de mais de 40 % no preço da venda
em parte do stock

NOVOS MODELOS EM EXECUÇÃO

FACILIDADES DE PAGAMENTO

14, R. IVENS, 14 — R. CAPELO, 1 A 9



"CISTÉR"

Farinha lactea

PREMIADA com 3 medalhas de ouro nas Exposições de: Sevilha, 1929; Colonial de Paris 1931 e Industrial Portuguesa de 1932.

Pedir em toda a parte

MARY CAGI
FALECEU

Esther Cagi Anahory, filhos, noras e netos, David Cagi (ausente), Fortunato Cagi, sua mulher e filhos (ausentes), Sophia Zaffrany Cagi, Salomão Cagi, sua mulher e filhos, Syme Cagi Ruah, seu marido (ausente) filhos, nora e netos, Rachel Cagi de Menezes, filho e nora, Leão Cagi (ausente) participam o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó e bisavó, cujo funeral se realiza amanhã, às 12, da sua residência, Rua Luz Soriano, 5, 2.º, para o Cemitério Israelita.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrad. Rua do Ouro, 98, 2.º — Telefone 2 6195
Dr. Armando Na. — Medicina, Coração e pulmões — 5 h.
Dr. Bernardo Vilar — Cirurgia Geral. operações — 5 h.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — 12 às 2 h.
Dr. Correia de Figueiredo — Pele e sífilis — 5 h.
Dr. Loff — Doenças nervosas, electrotérapia — 2 h.
Dr. Mario de Matos — Doenças dos olhos — 2 h.
Dr. Mendes Bello — Estomago, figado e intestinos, 3 h.
Dr. Silva Nunes — Doenças das crianças — 5 e 30.
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras. operações — 2 h.
Dr. Francisco Calheiros — Garganta nariz e ouvidos — 4 h.
Dr. A. Carvalho Dias — Nutrição e imaturo — 10 — 4 h.
Dr. Armando Lima — Boca e dentes. protese — 12 h.
Dr. Alo. Saldanha — Ralo X — 4 h.
ANATÓMICAS CLINICAS

O senhor Silva
é forte

"Sim sou forte", pelo menos assim o afirma o senhor Silva. Mas para que serve tanta robustez contra os contágios que espreitam em toda a parte, no escritório, no electrico, no cinema, sei lá onde. Então o senhor Silva se é rasoavel, precisa de tomar pastilhas de Panflavina como tu ou eu.

As pastilhas de

Panflavina



evitam os contagios, as inflamações de garganta e as constipações.

A caixa de 30 pastilhas vende-se em qualquer farmacia por Esc. 13\$00

POR 5\$00

Semanais, todos podem adquirir Relogios de todas as marcas, joias e objectos em prata, inserevendo-se já no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação somente por 5\$00. F. de Sousa Torralis, Rua de S. Paulo, 108. Telef. 26518.

+ PARTEIRA
ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

EXPLORAÇÃO - SERVIÇO DO MOVIMENTO

Repartição de Material

Venda de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa P.

Até às 12 horas do dia 18 de Janeiro de 1938, esta Companhia receberá propostas em carta fechada, dirigidas à Direcção Geral em Lisboa, estação de Santa Apolonia, para a compra de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa P., desde 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1938.

No involucro das propostas, além do endereço, deverá indicar-se o seguinte:
«Propostas para a compra de Aparas e Resíduos de Cortiça da estação de Lisboa P.»

Os proponentes deverão estipular claramente o preço oferecido por quilo e terão de fazer a declaração de que se conformam com as condições abaixo designadas.

Todas as propostas que não satisfaçam as condições acima indicadas serão consideradas nulas.

As bases são as seguintes:

1.ª — O arrematante obriga-se a mandar recolher, diariamente, por sua conta, todas as aparas e resíduos de cortiça que se encontrem nos cais e linhas da estação de Lisboa P., bem como nos lastros dos vagões que tenham servido a esses transportes.

2.ª — Diariamente deverão os agentes que o arrematante encarregar desse serviço, fazer a pesagem das aparas e resíduos recolhidos, em presença de um agente da Companhia.

3.ª — O pagamento será efectuado na estação de Lisboa P., em seguida à pesagem das aparas e resíduos recolhidos.

4.ª — Ao arrematante serão fornecidos dois bilhetes de identidade a fim de ser utilizados por dois agentes seus para a entrada na estação de Lisboa P., exclusivamente com o intuito de fazerem a recolha das aparas e resíduos de cortiça, constante na base 1.ª, devendo mostrá-los aos empregados da Companhia sempre que lhes sejam exigidos.

Lisboa, 24 de Dezembro de 1937.

O Director Geral da Companhia,
A. de Lima Henriques.

Automobilistas — T. S. F.

Philco — Delco — Motorola — Philips

Os melhores auto-rádios do mundo — Equipam de fabrica todos os automoveis americanos e europeus — Montagens como as de fabrica (sem supressoras) — Quadrantes e antenas para cada tipo de carro — Reparações rapidas por pessoal especializado — Distribuidor exclusivo:

Julio Coelho

Rua Rodrigo da Fonseca 81, D. (Ao Parque)
Telef. 42789

PROVAS

CONCLUENTES

As provas e experiências a que são submetidas as lâmpadas LUSTRA nos Electrical Testing Laboratories dos Estados Unidos, são as mais rigorosas do mundo. A lâmpada LUSTRA é uma lâmpada de alta qualidade.

Distribuidores

António José Fernandes, L.^{da}
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

REG. U. S. PAT. OFF.

PEGAMOIDEOS E LONAS

Material manufacturado
pelos fabricantes dopara estofos, capotas e
decorações.

Venda por grosso e a retalho:

BETHENCOURT BROS. LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LDA.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271



"VIENT DE PARAITRE"

"São Tomaz de Aquino"

de João Ameal

João Ameal deu-nos agora uma obra notável que transcende o domínio comum da literatura nacional. Trata-se de «S. Tomaz de Aquino», interpretação viva, irradiante de beleza, duma das mais curiosas figuras da inteligência humana. Apesar de, em Portugal, a filosofia tomística ter fundas raízes escolásticas, nunca, como agora, o seu vulto extraordinário e a sua obra incomparável, foram apaixonadamente estudados. Dir-se-ia que João do Ameal se aproxima do processo literário de Papini, de tal maneira ele sonda a alma do modelo, o acompanha nas suas dolorosas peregrinações, analisando, por ultimo, o seu luminoso pensamento.

«São Tomaz de Aquino» é, na verdade, aceção da palavra, um alto monumento literário. Nas suas quatrocentas e setenta paginas, trabalho exaustivo, mas brilhante de três anos, João Ameal faz, em traços lapidares, não só a evocação duma figura, mas a ressurreição duma das épocas mais curiosas da historia religiosa.

Brevemente faremos a devida referencia critica ao «São Tomaz de Aquino», de João Ameal, oferecendo, porém, desde já aos nossos leitores este trecho da obra:

O encontro de Tomaz de Aquino com Alberto Magno representa um facto de extraordinaria transcendência na historia da cultura. Talvez mesmo possamos dizer que eram os dois colaboradores necessarios á elaboração do mais vasto e consistente sistema filosofico de todas as épocas. O enorme labor de Alberto, exercendo-se em todas as direcções, amalgamando as coisas mais diversas—misterios da fé e debates da razão, interpretações simbolicas e ciencias exactas, sem esquecer tambem os sortilegios fascinadores do ocultismo—valera-lhe com justiça o titulo de *Doctor Universalis* e colocava diante do seu discipulo uma variedade opulentissima de aspectos e de temas. Nessa desmedida piramide de conhecimentos polimórfos — iria Tomaz edificar, disciplinar, arrumar. Talvez, no entanto, se a sua visão não tivesse sido assim de inicio estimulada pelo Mestre, alargada nos mais diferentes sentidos—o monumento tomista não alcançasse a majestade soberana que alcançou.

E' impressionante observar os contrastes destes dois homens e, ao mesmo tempo, a sua fecunda aliança. Alberto, insaciavel e torrencial, entregue á faina de acumular, numa análise minuciosa, tratados, comentarios, lições e de refundir todas as extraviadas riquezas do pensamento helenico; Tomaz, sereno, metodico, reservado, entregue a um designio de ordenação

e clarificação dessas riquezas numa síntese construtiva. Ambos—o germano e o latino—com as qualidades proprias das suas raças, completando-se ao serviço duma obra que os transcendia. E este saboroso paradoxo: ao passo que o homem do Norte, gigante de saber caotico, era, fisicamente, miúdo, flébil, mesureiro e impulsivo—o homem do Sul apresentava o seu arca-boicobouco de atleta, a sua impassibilidade fleugmatica, a sua melancolia pensativa...

Nunca deixemos, portanto, de associar os dois nomes na gloria da *perennis philosophia*—embora atribuindo ao segundo a maior parte, reconhecendo que o Doutor Universal não ultrapassou o seu tempo, enquanto o Doutor Angélico dominou e domina acima dos tempos!

Feliz com a descoberta do Mestre que podia satisfazer a sua imensa sede de saber, Tomaz de Aquino tomou uma atitude inesperada, exactamente a contraria á que tomaria qualquer estudante. Em vez de se expandir, de se confiar, de entrar em comunicação franca, fechou-se mais, tornou-se mais taciturno e silencioso, exilou-se na oração e no estudo—dir-se-ia que só pensou em armazenar cuidadosamente aquilo que ia aprendendo e mais tarde, transfigurado pelo seu génio, de-

volveria ao mundo em luminoso ensino.

A principio, as apparencias iludiram os seus companheiros que, ao verem aquele frade moço mas corpulento, pesado e sério, refugiado num mutismo teimoso—o classificaram, maliciosamente, com a celebre legenda: *bos mutus Siciliae*. Julgavam-no um ser mudo, incompreensivo, encerrado na sua propria espessura, incapaz de assimilar as subtilidades e transcendências da especulação.

Mas, pouco a pouco—fonte manando do rochedo—o génio de Tomaz de Aquino começou a revelar-se. Um dia, por exemplo, seguiam os estudantes com viva atenção um comentario de Alberto ao *De Divinis Nominibus* do pseudo Areopagita. Certo condiscipulo, ao reparar que Tomaz se concentrava, supôs erradamente ser essa concentração a prova de que não atingia o significado das palavras do Mestre. Ofereceu-se então, generoso, para lhe repetir a lição que ambos tinham escutado. Tomaz agradeceu e aceitou. Mas o condiscipulo depressa se perdeu ao repetir a materia e foi o proprio *bos mutus* quem, com toda a simplicidade, retomou a exposição desde o começo e lhe acrescentou mesmo coisas que não tinham sido ditas. O outro, surpreendido e deslumbrado, pediu-lhe que daí

por diante, invertendo os papeis, lhe fizesse a graça de lhe explicar as lições. Tomaz acceheu logo, mas exigiu do companheiro um segredo absoluto. Embora tivesse prometido, este não pôde deixar de contar o caso a um professor, que, por sua vez, e fez saber a Alberto Magno.

Poucos dias decorridos, o Mestre de Colonia sustentou um debate solene sobre determinado problema de grande importancia. Tomaz escreveu numa folha de papel o resumo da questão. Um condiscipulo encontrou a folha e levou-a a Alberto, que ficou plenamente convencido dos tesouros de sabedoria e de inteligencia ocultos sob a discreta modestia do Aquinense.

Resolveu, por isso, submetê-lo a uma prova decisiva. Disse a um professor para encarregar Tomaz de responder em publico a uma pergunta extremamente difficil. Ferido na sua humildade, pois o facto já representava uma distincção extraordinaria—recusou o frade. O dever de obediencia forçou-o a submeter-se. E no dia seguinte, depois de ter pedido o socorro divino, aprestou-se para a melindrosa prova.

Logo á entrada, formulou uma distincção tal que lhe permitia inutilizar todas as objecções e desfazer todas as obscuridades. O professor, entre surpresa e risonho, declarou-lhe: «Não parecis occupar o lugar daquele que responde, mas sim o do mestre que decide». Respeitosamente, Tomaz deixou cair esta frase admiravel: «Não vejo outra maneira de responder». Se ele era, de facto, já um mestre—como havia de mostrar as hesitações e carencias dum escolar igual aos outros? A sua superioridade apparecia-lhe, porém, tão natural que nem dava por ela...

O professor tentou ainda opor-lhe argumentos de tal valor que os supunha irrefutaveis. No entanto, ainda com toda a simplicidade, Tomaz liquidou-os em poucas palavras.

Depois deste episodio é que Alberto Magno teria dito a sua frase famosa e profetica: «Chamamos-lhe o boi mudo mas um dia os seus mugidos, a expor a doutrina, hão-de ouvir-se no mundo inteiro».

E nunca mais um companheiro perturbou com qualquer especie de ironia ou irreverencia as meditações inspiradas de Tomaz de Aquino.

Quasi todas estas cenas já se não desencadearam em Paris—mas em Colonia, para onde Alberto partira, no ano de 1248, com o fim de organizar um *Studium Generale*, isto é, um centro de estudos teologicos para uma provincia da Ordem. Foi aí que Tomaz certamente por encargo expresso do Mestre, redigiu uma versão manuscrita (ainda hoje conservada em Nápoles) das lições que ouvira sobre o *De Divinis Nominibus*. A sua caligrafia de então revela uma extraordinaria rapidez de pensamento á qual a mão não podia obedecer, o que torna difficil a leitura do texto. Tambem na Biblioteca Vaticana existem outros manuscritos de Tomaz sobre preleções de Alberto Magno, com o titulo de *Quaestiones fratris Alberti ordinis predicatorum quas colligit magister frater Thomas de Aquino*. São comentarios do Mestre de Colonia á *Ethica ad Nicomachum*, de Aristóteles.



Monsenhor Grente que entrou recentemente na Academia Francesa

JOÃO AMEAL

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

OS "RAGAS"

A musica hindu

O hindu vivendo no meio de um eden dourado e florido, com as suas florestas virgens povoadas de espiritos, as chuvas torrenciais das monções que fecundam as suas terras úberes, os picos alterosos das suas montanhas, a morada dos seus Deuses, devia, certamente, desde os tempos imemoriais, louvar por meio de canticos a força criadora da natureza.

Tal é a origem da musica hindu que é cultivada na India desde seculos. As melodias formam parte integrante do ritual védico, e largas referencias encontramos nas epopeias brahmanicas e nas «Jatacas» budicas, tendo atingido o seu apogeu, como arte laica, sob o imperio dos Guptas, do quarto ao sexto seculo da era cristã, e é nessa época de ouro da literatura sanscrita, em que floresceu o genio de Kalidasa em poemas epicos e dramas de amor, que aparece o monumental tratado—Bharat, sobre a teoria da musica e drama.

E a musica hindu dos nossos dias não é senão uma reviviscencia da musica antiga, velha de três mil anos, transmitida por tradição por corporações de musicos em que os filhos seguem religiosamente o officio dos pais. A musica, como as demais artes na India, é eterna, mas sempre moça e sempre nova com as suas harmonias suavissimas que encantam os homens e os proprios Deuses.

É necessario penetrar no âmago da vida e da indole do povo hindu para se compreender a sua musica, que, como observa Yeats, «não obstante a sua teoria e as dificuldades da sua tecnica, ela não constitui propriamente uma arte, mas a propria vida».

O mais antigo repositório melódico é o «Rig-Veda», compilação de hinos ou louvores em que se rememoram os feitos heróicos e as façanhas dos Deuses—Indra, Agni, Varuna ou Soma—implorando abundancia nas colheitas e victoria sobre o inimigo. «Rig-Veda» deriva da raíz sanscrita «Ritch», que significa louvor. «Ritch» é um hino, uma oração que o sacerdote dirige a um Deus, para cantar as suas glórias, a sua magnanimidade e os seus feitos.

«Ritchis» são os poetas-cantores, quer eles sejam poetas e mendigos, cantores anônimos que erram de terra em terra, esmolando e cantando, com o seu bordão, o seu vaso de esmola e o seu manto de renuncia, quer eles sejam criadores de seitas e escolas religiosas, Poetas e Santos, como Ramananda, Nanak, Kabir, Tagore e tantos outros.

Os cantos e melodias hindus, têm por base um «raga», tom musical, ou «ragini» particular. «Raga» é uma selecção de cinco, seis ou sete notas escalonadas ao longo da gama; «ragini» é o feminino do «raga» e indica um resumo ou modificação do tema principal. Nenhum «raga» ou tom musical emprega mais de sete notas essenciais; e a estranha tonalidade do canto hindu é devida ao emprego de intervallos microtonais ou «gruti», que é o ornato do estilo da musica e do canto, e o seu traço característico.

Com maior propriedade poder-se-ia chamar ao «raga» o molde de um tema ou o traçado de uma aria. É propriamente um tema que o mestre propõe ao aluno, e o canto consiste em improvisar sobre o tema dado.

A origem do «raga» que significa cor, paixão, é a emoção sentida pela alma humana, que é como uma lira tocada por mãos invisíveis, e que se desentranha em «raga» da Primavera com a sua embriaguez de cor e perfume, o «raga» da estação das chuvas, nimbado de suave nostalgia, o «raga» do amor e do desespero, da tristeza e da alegria. O canto hindu tem por fim exprimir e evitar a paixão do corpo e da alma e exaltar a natureza.

É creença na India de que os «ragas» têm efeitos magicos e sobrenaturais; e contam-se numerosas lendas sobre o poder magico dos «ragas». Certo musico foi forçado pelo seu real protector a cantar sobre o tema do «raga Dipak», que criou o fogo. O musico obedeceu contrafeito, e á medida que ia cantando o «raga Dipak», começa-

ram a saltar do seu corpo chamas tão violentas que não pôde extingui-las nem mesmo lançando-se ao rio Jamna. Os «ragas» são verdadeiras encantações que atraem o favor dos Deuses, a abundancia e a fortuna.

Os «ragas» têm origem a mais variada. O «raga Pahari» provem dos cantos populares locais; o «raga Jog», dos cantos dos ascetas errantes e outros que tomaram o nome dos musicos celebres que os criaram.

Os instrumentos que acompanham o canto hindu são o tambor e o «tambura». O «tambura» é uma especie de alaude, com quatro cordas muito compridas que dão o som dominante, a tónica de duas oitavas e uma oitava baixa, que são comuns a todos os «ragas». As quatro cordas do «tambura» são munidas de resonadores muito simples, tais como fragmentos de latão postos entre as cordas e o cavalete, e que lhe dão a «alma». As cordas vibram constantemente de modo a produzir um som continuado e monotonico, mas rico de harmonias. É o que forma o rendilhado do canto, e no canto hindu o ornato do estilo e a nota estão em estreita união. O «tambura» não é um instrumento de solo, pois forma o cenário onde nasce, vive e morre o canto.

Além do «tambura», a India possui muitos outros instrumentos de solo, dentre os quais o mais importante é o «vina». Este instrumento classico equivale ao violão da Europa e ao koto japonês; difere, porém, do «tambura» porque as suas cordas são vibradas com a mão direita, enquanto a esquerda dedilha as notas. As nuances delicadas dos ornatos do estilo microtonais são obtidas pelo toque li-

geiro da mão sem ferir as cordas. O «vina» para ser bem executado demanda uma tecnica complicada, e são necessarios longos anos de paciente estudo. É vulgar ver-se na India velhos bardos de longas e brancas barbas de ascetas errantes, á semelhança do profeta Narada da mitologia hindu, tocar o «vina» com inextinguível pericia entoando canticos a Hari, o Deus Siva, asceta e mendicante.

Entre os instrumentos populares contam-se os «tam-tans», os cimbalos e a flauta de cana, ainda á mesma em que Krishna, ha três mil anos, modulava suavissimas melodias, no campo de Brindabam, para encantar as «gopis», jovens pastoras de vacas, de seios redondos e turgidos e olhos languescientes, e é ainda hoje o instrumento predilecto dos pequenos pastores que o enchem de musica repassada de doce melancolia, em tardes chuvosas de julho, de tristeza elegiaca, enquanto os rebanhos apascentam pelas planuras verdejantes.

O poeta hindu é ao mesmo tempo poeta e musico, e é servindo-se da musica, do seu ritmo que compõe os seus poemas, que não são mais que mero veiculo do canto. No canto hindu as palavras têm secundaria importancia, e sendo a voz por si só um instrumento, a melodia tem mais valor que o texto.

A musica na India é assás difundida e acarinhada, e o «Kama-Sutra», o tratado do amor hindu, inclui a musica entre as sessenta e quatro artes liberais que os homens devem cultivar, para ganhar o coração das mulheres.

TELO DE MASCARENHAS

Não sei nada . . .

E' certo que de ti eu não sei nada...

—Tão distante é do céu a minha estrada!—

Um tanto na minha alma andas comigo,
Na espiritualidade deste sonho,
Que muitas vezes, — crê — até supponho,
Que, sendo Deus tão teu e meu amigo,
E' quem enche de luz este meu sonho!

E sem nada saber de ti, contudo,
Afagando quimeras luminosas,
Talvez eu saiba mais que muita gente...

Porque o teu coração, que, tão contente,
Escondo no meu peito, é do veludo
Com que Deus fez as pétalas das rosas...

Vê tu como a sonhar se sabe tudo,
Afagando quimeras luminosas,
E como ainda eu sei mais que muita gente!...

ALBERTINA PARAISO

1938 UM NOVO ANO QUE COMEÇA COM UM NOVO ROMANCE

UMA LUZ NA ESCURIDÃO

de MARIO DOMINGUES

Tema original — Descritivo impressionante — Personagens estranhas — Urdidura arrebatadora — Desfecho imprevisível

1 vol. 10\$00 — A' venda em todas as livrarias

Pedidos á: AGENCIA EDITORIAL BRASILEIRA

No PORTO:

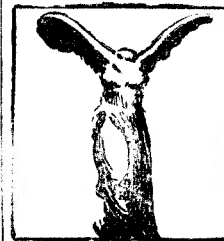
Rua 31 de Janeiro, 43/45

Em LISBOA

Rua Ivens, 28



A camisa alemã vai encurtar—eis o que nos diz o conspícuo «Times». Segundo aquele jornal inglês o ministro da Economia Nacional do Reich aprovou uma decisão do grupo industrial das roupas brancas, reduzindo o comprimento das camisas em cinco centímetros. Esta medida, que começou a vigorar, no principio do ano, não causou surpresa. Sabia-se já ha algum tempo que os dirigentes da industria textil, condenavam a quantidade de materia empregada em certas roupas, que podiam sem inconveniente, ser mais curtas. A camisa, sobretudo. A camisa «standard», do 3.º Reich, não deve ultrapassar noventa centímetros á frente e noventa e cinco atrás, em lugar de noventa e cinco e um metro como até aqui.



O compositor Ravel tinha duas vivas admirações musicais: Chabrier, que ele chamava um grande mestre, e Debussy. O autor do «Bolero» formulou uma vez este voto que, infelizmente, não pôde

ser cumprido:

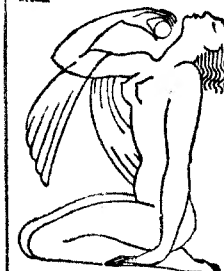
—Só peço uma coisa: é morrer, ouvindo o «Prélude à l'après-midi d'un faune».

Um dia apareceu em Nova York um livro, no qual se dizia que Ravel era judeu o que não era verdade. O compositor, porém, nunca desmentiu a afirmação, por uma questão de delicadeza. Era no momento em que, na Alemanha, o movimento anti-semita tomava o aspecto mais agudo. Soube calar-se, com um sorriso de intensa fraternidade humana.



A jovem americana miss Dewes Cochran, que fez escultura sem éxito, teve agora uma idéa interessante, que lhe está dando muito bom dinheiro: fabricar bonecas apropriadas á cada criança. Cada boneca representa

a imagem da sua pequena mamá. Escusado será dizer que as crianças americanas, cujos pais as podem adquirir, estão contentissimas. A boneca fica assim com uma personalidade, podendo até, quando as suas possuidoras forem masi velhas, ser uma recordação fiel da sua imagem na meninice.



Vão ser abertos, progressivamente, em todos os distritos do Reich, escolas para as noivas dos milicianos nacionais-socialistas e dos soldados da Reichswehr.

A primeira escola deste genero será inaugurada, brevemente, em Schwanenwerder, cerca de Berlim. A preparação das mulheres ao casamento foi objecto dum acôrdo entre a «fuhrerin» das alemãs e o proprio fuhrer.

Classicos Portuguezes

Arte de Furtar

Decima edição revista por Jaime Brásile

do Padre Antonio Vieira

1 vol. Br. 12\$00 — Enc. 17\$00

Pedidos á

LIVRARIA PENINSULAR EDITORA

de José da Silva Oliveira

57, Rua da Boa Vista, 59 — LISBOA



Foi agora descoberto numa gruta da região de Perigord, perto de um regato, um esqueleto perfeitamente conservado dum «homo-sapiens», da idade da pedra, isto é, da época glacial, quando as renas e os castores infestavam a Europa, que deve ter cerca de cem séculos.

A descoberta deste fóssil revela um crime prehistórico. O esqueleto encontrou-se como que dobrado, com a cabeça encostada á mão direita. Perto da coluna vertebral via-se um sílex talhado em ponta, como aqueles deque os homens primitivos se serviam para armar as suas rústicas lanças.

O sílex deve ter sido, profundamente, enterrado na carne da vítima. Tudo indica que o homem ouviu um ruído, tendo saído da caverna para ver o que se passava.

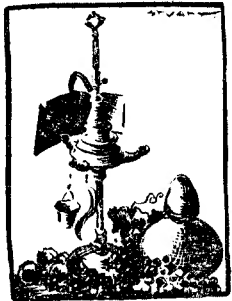
O inimigo, emboscado, vibrou-lhe uma lançada no peito, que o prostrou logo.

O sr. Peyrony, director do museu prehistórico de Eyzies, declarou: O fóssil da época azilénica descoberto em Grand Brassard está num estado de conservação rara. Completa a bela série de esqueletos encontrados no Perigord, a região mais rica do mundo em jazigos prehistóricos e em grutas ornadas e decoradas desses tempos remotos.

O sr. Peyrony lembrou ainda que foi no Perigord, que se encontrou o celebre esqueleto conhecido hoje pelo nome de Cro Magon.



Livros recebidos: Em edições da Livraria Civilização, do Porto: «Patina Morena», do dr. Hipólito Raposo; «Os Ditadores» (Staline, Mussolini, Salazar e Hitler), de Jacques Bainville, tradução de Vasco Rodrigues; «A política europeia no Extremo Oriente no século XIX e as nossas relações diplomáticas com a China», do dr. Eduardo Brazão; «Três mestres», (Balzac, Dickens e Dostoyevsky), de Zweig, tradução de Alice Ogando; «Um coração destruído», segunda edição, de Zweig, tradução de Campos Monteiro, filho; «O Médico», de Zweig, 2.ª edição, tradução de Alice Ogando; «O Minuto decisivo de Waterloo», de Zweig, tradução de Lisa Ehler e Alice Ogando; «Vinte e quatro horas da vida duma mulher», de Zweig, 2.ª edição, tradução também de Alice Ogando; e, na «Coleção Civilização», da mesma livraria: «O filho da noite», de José Francés, tradução de A. Vitor Machado; «Nilo Amoroso», de Pierre Frondaie, tradução de Aurora Jardim; «Duas vezes vinte anos», de Pierre Frondaie, tradução de Campos Monteiro, filho; «As mulheres de Pernambuco», de Eduardo Noronha; «O Homem do Hispano», de Pierre Frondaie, tradução de Alice Ogando, e «Idílio trágico», de João Verdades.



Jacques Lacreteille vai ser recebido na Academia Francesa, no próximo dia 27. A redacção do discurso, que terá de pronunciar «sous la coupole», obrigou-o a suspender o seu novo romance: «Le pour et le contre». Não se trata duma obra ciclópica como a série das «Hauts Ponts», mas dum volume unico, com aquele título.

No dia 13 será designado pela Academia o sucessor de René Doumic, que ocupava na douta assembléa o cargo de secretário.

Citam-se varios nomes, entre outros: Georges Goyau, André Bellessort, Abel Hermant, Emile Male e Georges Leconte.

A génese do valor literário

por **Pedro Mayer Garção**

Ter genio não custa nada. Se ha homens (Nicolle nega o genio ás mulheres) que, como Carlos Monselet, renunciaram a possuí-lo, é porque não estão para maçadas. São organizações especiais que vivem acima das proprias possibilidades. Bem entendido, ninguém nasce com genio. Para o adquirir, é preciso ter a longa paciência de Buffon, em que ha alguma premeditação e muita expectativa. Quando perguntaram a Newton como tinha descoberto a lei da gravitação, respondeu simplesmente: «Pensando sempre nisso». Outro tanto poderia dizer Champollion em relação aos hieroglifos do Egipto.

Como o direito romano, o valor pessoal começa por não existir. O exemplo mais impressionante é dado pelos eruditos que principiam sempre por ser analfabetos. A infancia da quasi totalidade dos homens celebres é assinalada pela mais prometedora mediocridade. Chegam mesmo a manifestar uma robusta inaptidão para aquilo em que depois se celebrizam. Henrique Poincaré, como qualquer imortal, apanhou um zero em mathematica.

Todos nós temos sido condiscipulos, companheiros até de carteira, de rapazes que nunca se tornaram notados na escola e um dia apparecem poetas, filosofos, inventores, quando a verdade é que nem um carecia de logica, nem o outro tinha por habito dormir nas aulas, nem o terceiro era capaz de quebrar um prato. Lembra-se do Kádár, de Kormendi? Em Peste, no liceu, era o *Pinguim*; mais tarde, na Africa do Sul, foi o grande homem de Port-Elizabeth. Surpresas, mas que estão dentro da minha tese da acessibilidade do genio individual.

O genio mais facil de alcançar é o genio literario, precisamente porque não tem, como o genio científico, o acaso como seu principal colaborador. Dependendo só do homem, não do destino, ele não tem mais do que seguir os preceitos de factura que entram em jogo na tecnica da consagração.

Para ser escritor, é preciso, em primeiro lugar, assinar o que se escreve. Este simples acto de subscrever sem pejo tudo o que sai do cerebro em letra de fôrma é já um começo de gloria. Geralmente escrevese com reminiscencias das leituras, que convêm sejam solidas e eclecticas. Se a convivência dos homens é uma segunda natureza, o convívio dos livros é uma primeira intelligencia. Lêr muito tem a enorme vantagem de permitir a reprodução, como nossas, das opiniões dos outros. Assimilamo-las com tanta consciencia que passam a fazer parte integrante do nosso patrimonio mental—á maneira dos produtos alimentares que incorporamos na economia organica e encorpamos a base quimica da personalidade. E' bem conhecido o caso daquele talentoso rapaz que se dispôs a fazer um soneto e saiu-lhe o *Alma minha gentil que te partiste*. Certamente, contagios de Petrarca.

Quando o fenomeno da assimilação não atinge estas proporções patológicas, capazes de avermelhar do rubor mais vivo as naturezas menos emotivas, o escritor poderá então alinhar meia duzia de frases de emprestimo, pô-las honestamente em italico ou entre cômas, indicar-lhes ou não as paternidades—e assim nascerá a cronica, o ensaio, o estudo erudito, outras tantas afirmações do valor especulativo de quem as produz. Muitos compararam os escritos desta forma cozinhadados a fatos de Arlequim, feitos de retalhos alheios, e decidem-se pela invalidéz do cerebro que dêsse modo não pode dar um passo sem a muleta duma citação. Mas é indubitavel que só os espiritos mesquinhos assim pensam e não vêem nestes recursos um processo de caracterização literaria.

Outras vezes, por uma questão de alta elegancia ou comovente ingenuidade, o plumitivo não indica a paternidade daquilo que apadrinha e incorre no que vulgarmente se designa por plágio—expressão vazia de todo o sentido, porque se o plágio é o roubo literario da originalidade dos outros, parece-me impossivel estabelecer, de baixo do sol da literatura, a prioridade da mais insignificante originalidade. Para falar com franqueza, de original só conheço o pecado biblico. De então para cá, situações e idéas pertencem a toda a gente, ou, mais rigorosamente: «une situation appartient

non pas á qui l'a trouvée le premier, mais bien á qui l'a fixée fortement dans la mémoire des hommes» (Anatole France) e, de igual modo, «uma idéa não es hija de aquel que primero la concebió, sino de quien la crió, formó y educó, es decir, de quien le dió su expression más adecuada y la colocó entre las demás ideas, sus compañeras, en el complejo y contexto donde adquiere su valor todo» (Miguel Unamuno). Com estes advogados ficam absolvidos todos os plagiarios e dá-se agora um grande desconto á verdade de Marcelino Mesquita que gritava, quando lia um verso bom num poeta do seu tempo: «Prendam-no! Ha de se achar o autor!».

Mas, se por um escrúpulo incompreensivel, quasi indefensavel, não nos quisermos apoderar do que já está feito e dar-lhe uma demão á nossa custa, então não temos mais do que reduzir a nossa actividade espiritual á expectativa daquilo que ainda hoje se conhece por inspiração e a que José Baccalar chama na *Revisão* «a visita das boas idéas». Todos os que produzem atribuem os seus momentos felizes a um arrebatamento vindo do subconsciente e a que são, por isso mesmo, superficialmente estranhos. E' uma especie de aura que precede e acompanha as crises de elaboração estetica. Sendo um determinado, o homem é uma surpresa para si proprio—e doravante ele apenas conseguirá fazer intervir a sua vontade na propiciação da aura criadora, ou pelo uso dos toxicos, ou pelo abuso da paciência—a longa paciência de Buffon.

Descoberto o mecanismo genetico da obra literaria, resta escolher o genero que melhor se adapte ao temperamento de cada um, não esquecendo que se escreve para um publico restrito, o que faz aumentar as probabilidades duma sugestão colectiva. A propria posteridade—li não sei onde—é uma sobreposição de minorias; e a melhor coisa que pode succeder ao artista é ser incompreendido em vida não tanto porque fica muito bem acompanhado, como principalmente porque não faltará quem atribua o seu inéxito a uma superioridade que o coloca acima da critica contemporanea e o torna susceptivel duma notoriedade tipo Stendhal.

Vejamos agora quais são as modalidades que o escritor pode cultivar e que representam ascensões equivalentes na escada da Fama.

A novela? A receita para a novela (que pode ser extensiva ao romance e ao conto) já foi dada por um critico que eu muito admiro. Em primeiro lugar é preciso não ter idéas. Sobretudo, idéas preconcebidas. Depois, toma-se a figura central da novela, que pode ter ou não espirito aventureiro, e deixa-se actuar-lhe ao sabor dos seus caprichos de momento. Quando muito, um ou outro obstaculo fortuito para o heroi não se convencer que a vida é um mar de rosas—e disse. E' certo que a literatura assim deixa de ser «a realização da personalidade do autor» para ser a realização da personagem do livro—mas todas as teses são legitimas em nome da argumentação subtil que as saiba defender.

A poesia? As formas poeticas, como ninguém ignora, precederam a prosa. As obras das idades mais recuadas são todas em verso. E' o caso do *Pentáur*, da epopeia de *Gilgames*, dos *Vedas*, a *Iliada*, a *Odysseia*, etc. Isto equivale a dizer que pesam sobre os nossos ombros actuais montanhas de versos e não ha outro remedio senão desabafar na linguagem de Homero. Para isso, concebe-se um assunto já poetico por sua natureza (aquele, por exemplo, que tenha por conteudo saber se as torres de marfim são ou não de cristal), estende-se esse assunto sobre tiras de prosa cortadas nas pontas, sobrepoem-se sem nenhuma especie de ligação gramatical ou conexão harmonica, dá-se-lhes um titulo que não goze das atribuições de rotulo, dedicam-se a alguém e assinam-se com o nome todo. Não esquecer nunca de assinar, para evitar as contrafacções e tambem porque dos anónimos não reza a historia.

O produto obtido pelo processo que acabo de expôr passa a constituir um espécime da *poesia aerodinamica*, tão ao sabor da época, e assim chamada porque fende melhor e com mais vertigem o ar dos preconceitos esteticos. E' possivel que a sua passagem célere não

concite, por falta de observação demorada, uma admiração consciente e dela apenas fique nos espaços o rastro duma audácia quasi demencial. Mas a arte não se fez para os tímidos. Fez-se para meia duzia de eleitos—que se elegeram a si proprios.

O Humorismo? E' um dos generos mais facéis de cultivar, porque o humorismo no fundo é a graça literaria e graça, mesmo essa, todos nós temos. Ao contrario do espirito, que é uma reacção viva da intelligencia, o humorismo é uma reacção lenta da sensibilidade: durante ela, recorre-se ao trocadilho, dum efeito hilar sempre infalivel, ou se eleva até á dose eufórica o disparate mais incoerente. Podem os precusores do humorismo—Macaulay, Swift, Sterne, Dickens, Thackeray—vir dizer-nos que «o humorismo é o sentimento do risivel tendo por base a simpatia» e que «o humorista é de alguma maneira um pregador laico», que nós faremos o que é costume fazer com todos os precusores, assim os da arte, como os da politica: embulhar no mesmo nome, que eles foram os primeiros a agitar, coisas um tanto ou quanto diferentes.

A Critica? A critica literaria, que tambem assegura um éxito individual certo, é um dos ramos da literatura de imaginação, sem a qual seria impossivel descobrir ou encobrir o mal que se quer dizer. Consiste em a pessoa que a exerce falar de si através das obras que julga—e isto, se lhe retira o caracter científico que muitos têm pretendido reconhecer-lhe, facilita extraordinariamente, senão a missão, a actividade do critico. Como em materia de estetica—está dito e redito—tudo se defende pelo raciocinio, as condições logicas que o critico impõe á obra de arte são sempre arbitrarías, donde resulta que ele pode perfeitamente desenvolver os seus axiomas sobre o livro que vai julgar, sem que isso lhe comprometa a boa fé ou a serenidade olimpica. Estabelece, assim, meia duzia de regras doutrinares, revestese da infalibilidade dos dogmas ou da rigidez das maximas, e pelo prestigio da lucidez é capaz de transformar em defeitos os meritos duma obra, ou estes naqueles. E' realmente uma coisa bem comoda a critica, porque, como dizia Rousseau, onde se ataca com uma palavra é preciso defender com paginas.

Mas ao passo que o triunfo nos diferentes generos que apontei não tem outro perigo que não seja o da exuberancia editorial, o éxito do critico faz-se acompanhar de efeitos indesejaveis para a literatura de ficção e para a sociedade que ela reflecte. Eu me explico:

O éxito do critico chama-se—autoridade. Mercê dela, obtem um ascendente moral e intelectual não apenas sobre a opinião publica, que por comodidade confia os seus juizos criticos ao especialista da materia, mas tambem, e especialmente, sobre o homem de letras, que passa a escrever sempre com o pensamento no critico e na sua didactica—e desde logo se esvai a espontaneidade da personalidade comovida, que é a essencia da propria arte. De facto, não ha nada que mais aflija o escritor do que ter de estender a mão ao critico, para nela receber os cinco olhos da sua férula pedante, numa crise de pedagogia accessal. Paciencia, mas a imortalidade obriga.

Dá-se, então, uma transformação no trabalhador intelectual, ou no sentido dum aperfeiçoamento que pode conduzir á criação de obras-primas (pobre literatura! em vez de génios, teria gémeos), ou no sentido dum retraimento que o pode levar á improdutividade. Neste ultimo caso, a literatura deixaria de ser, na opinião do italiano Ferrero, uma valvula de segurança, uma defesa contra tendencias anormais que, não exteriorizadas debaixo da forma estetica, acabariam pelo desabrochar de manifestações morbosas ou pela prática de actos anti-sociais. Noutros termos: a literatura deixaria de ter, como os sonhos, uma função catartica e o que não apparecesse nas montas, sob a configuração de livros, apparecia nos consultorios com a fisionomia das nevroses por recalamento, ou nas cadeias como delinquencias comuns. Não exagerava ha

(Ver continuação na pagina seguinte)

OS LIVROS DA SEMANA

Quero repetir mais uma vez o que inúmeras vezes já tenho dito: um pensamento afirmativo não é um pensamento dogmático. Afirmar com certa confiança não é excluir a hipótese de uma contradição. Quando afirmo, pois, confiadamente não sou nem dogmático nem ingenuo. Sei perfeitamente que as minhas idéas são tão falíveis como disutíveis. Simplesmente — são as minhas idéas. Tenho por isso o dever de acreditar nelas pelo menos no momento em que elas se me afiguram verdadeiras. Isto quer dizer que admito a hipótese de o não serem: sobretudo admito a hipótese de virem a deixar de o ser. Basta para isso mostrarem-me que o não são ou eu próprio chegar a verificar a sua falsidade.

Depreende-se daqui que acento como facto naturalíssimo o ver-me de onde em onde contraditado. E' o caso de um recente artigo publicado em *O Diabo* onde se me aponta uma contradição comigo mesmo. Anuário da melhor vontade a pôr-me de acordo com o meu contraditor se pudesse reconhecer-lhe razão. Infelizmente não lhe posso reconhecer o que ele não tem. Vejamos porquê.

Várias vezes me referi aqui ao problema do romance. Duas ou três vezes insisti num ponto que se me afigura de importância capital. Refiro-me ao papel das idéas no romance. Ora, porque é de romances que tenho de me ocupar hoje, volto a abordar o assunto para esclarecimento do meu contraditor de *O Diabo*. Onde ele quis ver contradição entre as minhas próprias idéas há apenas leitura superficial dos meus artigos. Evidentemente eu não poderia ter dito que o romance se não deve apoiar em idéas — se não deve apoiar numa idéa central, ou estrutural. Sei perfeitamente que a obra de arte, qualquer que ela seja, tem de apoiar-se num esqueleto. Mas há esqueletos e esqueletos! Há que distinguir entre o esqueleto idéa-viva ou intuição que a própria obra ilumina à medida que vai nascendo e o esqueleto idéa-rígida, lógica, imperativa, à qual se pretende subordinar a obra de ficção. Há que não confundir *idéa* sinónimo de estrutura viva de uma obra e *idéa* princípio racional inflexível a que se quer adaptar a obra de arte. E' esta segunda que eu excludo dos princípios fecundos na estética do romance. E' esta segunda que eu entendo que dele deve ser banida. A outra nunca.

Julgou o meu contraditor que repudiando eu a interferência das idéas condutoras no romance teria fatalmente de me virar para a experiência viva de cada romancista, unico ponto de apoio sólido para as suas obras. Assim eu só admitiria o romance «do dia a dia», moda corrente, diz o meu contraditor, no romance moderno. Quere dizer: romance e autobiografia seriam coisas idênticas para mim. Aqui está o erro do meu contraditor. Não só o romance moderno não é isto como não é isto que eu tenho por minha concepção de romance. O facto de eu querer basilar a obra de ficção na experiência não significa que pretenda fazer de cada romancista um mero memorialista. De maneira nenhuma. A experiência para mim base do romance é a experiência humana: a experiência dos homens e das coisas. O facto de eu pretender cingir o romance à vida não significa querê-lo reduzir à cronica do dia a dia. Pretendo com isso simplesmente delimitar-lhe os horizontes. Enquanto um ensaio é uma *experiência intelectual*: a demonstração de uma idéa, digamos; o romance tem de ser uma *experiência humana*, isto é, a iluminação de um caso humano. Enquanto é a lógica das idéas que comanda o ensaio, é a verosimilhança das acções e dos sentimentos humanos que comanda o romance. De nada servirá, por conseguinte, a um romancista ter uma idéa muito clara do que será o seu romance desde que ele não seja capaz de dar ao leitor a impressão de serem as suas personagens que determinam o andamento e resolução do caso humano posto na sua obra. E quando se dá o caso de o romancista saber muito bem o que na sua obra se vai passar o que importa é que a sua obra nos dê a impressão contrária. O leitor deve sentir a obra a comandar o autor, não o autor a comandar a obra.

Não é, pois, intenção minha «amarrar a literatura à vida comestinha, cotidiana», como julga o meu contraditor. A minha unica intenção é amarrar o romance à vida. Mas «amarrá-lo à vida» não quero dizer *amarrá-lo à vida comestinha*. Um romance não deve ser um livro de *memórias verdadeiras*, mas de *memórias imaginárias*. Sem estrutura, sem esqueleto, sem espinha dorsal? Não. Mas a estrutura, o esqueleto, a espinha dorsal de um romance não deve ser, em ultima análise, nem uma idéa, nem a inspiração — não deve ser uma «detached arithmetical logic», mas uma «imagined vital inevitability», como escreveu um notável tratadista do romance já varias vezes aqui citado. Não são as idéas, é a imaginação — uma forma particular de imaginação — a verdadeira estrutura de um romance.

* * *

Todas estas considerações são oportunas em

A CRIAÇÃO DO MUNDO por MIGUEL TORGA TRES RAPARIGAS EM LIBERDADE por AMADEU DE FREITAS

visita da obra de que nos temos de ocupar. A *Criação do Mundo* (Os dois primeiros dias), de Miguel Torga, isto é, o poeta Adolfo Rocha, autor do livro *Rampa*, duro, hostil e vibrante como uma planta selvagem, mais tarde Miguel Torga em *Tributo*, *Abismo*, *O Outro livro de Job*, etc., obras onde se revela um dos mais fortes e pessoais poetas portugueses modernos. A *Criação do Mundo* é nitidamente uma obra autobiográfica. Não receamos errar dizendo que é um capítulo da vida do seu autor. Eis por que poderemos lamentar que Miguel Torga não tenha ido tão longe quando seria para desejar numa confissão em que se sacrificava, por vezes, ao pitoresco o misterio do humano. Porque, é curioso: nesta obra que nos sabe a vida vivida há mais literatura do que seria para desejar numa obra autobiográfica e menos literatura do que seria para desejar numa obra literária. Isto, que parece um paradoxo, é de fácil verificação. Ha de facto em Miguel Torga um grande temperamento de prosador servido por uma imaginação lírica. A força do prosador não corresponde idêntica força de imaginação de romancista. Daí que Miguel Torga tenha uma vigorosa expressão literária (manifestação lírica), sem uma idêntica imaginação das situações humanas. Assim Miguel Torga se vê coagido a empregar a sua desbordante verve expressiva na relação de casos estritamente vividos. Daí nós poderemos recuar que este grande temperamento de escritor se esgote ao fim de sete dias de criação. Cafa ele no silencio depois de nos dar a sua vida directa, cortante, agressiva, bela e intangível como o dorso de um animal selvagem? Se tal acontecer será tanto mais para lamentar quanto é certo Miguel Torga dar neste seu livro *A Criação do Mundo* a prova de um dos mais poderosos talentos de escritor que ultimamente têm aparecido em Portugal.

O herói central desta obra é o próprio escritor. Felo menos identificam-se um com o outro. Assim na primeira parte dela — *O Primeiro Dia* — o herói é um rapazote transmontano que os pais, lavradores pobres, não querem ver agarrado ao cabo da enxada. Após uma experiência de serviço numa casa rica do Porto o rapaz, activo e ousado, volta a casa. Não quer continuar a servir senhores que o desprezam. Ele, de resto, não era pessoa para suportar despezos: «...era materializado. Era ingrato. Mijava na cama. Tinha sono de manhã. Bulhava com os meninos da casa. Errava as contas da praça. Ficava-me a brincar com os brinquedos no salão de jogos. E sobretudo, dava pancada nas criadas de dentro». Depois da casa do Porto, o seminário, «ta na frente, de fato preto, montado na jumenta, com o bau de roupa adiante de mim. Meu Pai e minha Mãe atrás, a pé. Ele com os ferros da cama às costas e ela com o colchão e cobertores à cabeça. Assim percorremos aquelas seis leguas». Em Lamego, numa dependencia do seminário, tentou decorar o *rosa rosae*. Mas não tardou a dizer ao Pai que não queria ser padre. «Meu Pai,

quando tal ouviu» conta Miguel Torga «a primeira coisa que fez foi ir á porta e olhar para a rua, a ver se alguém passava que tivesse ouvido a blasfemeia. Depois mandou-me calar acrescentando que me partia a cara se continuasse a dizer babuseiras.

— Pedago de asno! — concluiu — A gente a querer fazer o homem e ele a fugir com o rabo á seringa». O Pai acabou por ceder. E ei-lo a caminho do Brasil. Ai acaba o primeiro dia. O relato desta infancia turbulenta e incerta é rápido e impressivo. A figura do garoto desenhase-nos já com o contorno obstinado e dorido que vai ser o seu desenho futuro. Há, por vezes, nesta primeira parte um comprazimento excessivo no pormenor pitoresco. Mas é indubitável que tudo quanto nos é mostrado se nos impõe: tem relevo, tem caracter, tem aquele sabor a terra pedregosa e árida como em certas paginas de Camilo ou de Aquilino Ribeiro. Miguel Torga sabe rasgar-nos a paisagem a golpes fundos. Os tipos são talhados em carne viva.

Vem depois o *Segundo dia*. Agora Miguel Torga mostra-nos o seu Brasil. Um Brasil langoroso, violento no amor, em que a natureza fascina e esmaga ao mesmo tempo.

O rapazinho vai desabrochando adolescente. O tio leva-o para a fazenda. E vá de trabalhar como um negro. «De manhã mugir as vacas que davam leite para casa», «tratar dos porcos, ir buscar os cavalos da cocheira ao pasto, limpá-los, arrega-los, rachar lenha, varrer o terreiro, atender á freguesia que vinha comprar fumo, cachaça, carne seca, etc. ou trocar milho por fuba». Vida dura. A tia moe-o com pancadas a ocultas do tio. Mas o amor vem misturar-se ás lagrimas. A brutalidade com que Miguel Torga arremega o seu herói para os braços de uma negra só tem igual no parto da Andorinha. «Mas a Andorinha não estava. Era uma bezeria jersey, arisca e arrombadeira de cercas. Andava prenha. Marrava como uma danada. Fui encontrá-la meio morta no cimo do monte. Tinha partido metade do filho e a outra metade não saía. Berrava cheia de dores. Os urubus á roda dela com passo trocado. Avançavam, mas ela, mesmo assim, voltava-se e corria sobre eles. Deixou-me aproximar sem reagir. Passei-lhe a mão pelo focinho e lambou-a arregacei a camisa e tentei ajudá-la. Puxei, mas o bezerro não saiu. Era filho do Pavão e não cabia. Meti as mãos dentro da Andorinha. Senti nelas um calor gostoso mas não fiz caso. Com a navalha que levava na mão direita, cortei lá dentro o que pude. O bezerro vinha saindo aos bocados. Tirei-o todo. Quando vi o filho feito em postas era uma dor de coração ouvi-la. Tudo lhe saí assim do bico da pena cheio de um calor animal, de uma violencia selvagem, sem artificios, em frases breves e acutillantes que retalhavam como a faca do boieiro. Mas um dia o tio descobre os maus tratos que a tia inflige ao sobrinho. Manda-o estudar. A vocação de poeta despenha. Mais tarde o tio resolve regressar a Por-

tugal e com ele regressa o herói. As ultimas paginas do livro são as mais originais. Há esboços de monólogos interiores. Há já observação psicologica. Certas imagens são exactas e duras como aço. «Assim descrevia a floresta tropical: «Tal como eu: um emaranhado de forças desiguais, e um silencio de crime a sufocar o res-do-chão mal iluminado...» Há sugestões dadas assim: «No dia seguinte, ao almoço, houve silencio. Parecia que se estava a comer uma pessoa de familia». Dina é um dos melhores retratos de mulheres da galeria. O retrato do tio é bem talhado. Mas o que acima de tudo se nos impõe é o do proprio herói. E' ele, afinal, quem verdadeiramente vive no meio daquela paisagem humana bravia e solene, des-temperada e possante. Com este periodo se fecha o volume, periodo que é uma síntese do herói e do proprio temperamento do escritor: «Novamente minha tia abriu o cesto do farnel. Novamente declarei que não tinha fome... Tinha fome, sim, mas não era de pasteis e goiabada. Tinha fome de ser como aquele rio, livre, forte, caudaloso, levando á tona, como trofeus, os dentes postiços de minha tia, que me mordia, e o seu vestido de folhos, que me envergonhava».

Grande escritor este, se acaso vier a saber, empregar tão grandes dons numa obra *imaginada*! Seja como for, porém, *A Criação do Mundo* é um dos livros mais fortes que se têm publicado ultimamente em Portugal.

* * *

E' certo o cinema ter influenciado a literatura. A simplificação do aparelho descritivo de certos romances modernos e a sua rapida movimentação deve-se, sem duvida, a uma benéfica influencia dos filmes. Mas é verdade também haver uma certa literatura que ao cinema vai buscar o seu alimento propriamente anecdótico. A esses filmes comerciais, em que há um bocadinho de musica ligeira, um bocadinho de desporto, um bocadinho de amor e uns desencontros inevitáveis entre o herói e a heroína, que se amam sem saber, ou se odeiam antes de se amar para acabarem felizes, nos braços um do outro, foram certos autores de romances buscar o assunto das suas obras. Ora é evidente que uma obra vasada em tais formas não pode aspirar a ir além de literatura comercial. E' o caso da obra *Tres Raparigas em Liberdade* (Sociedade Nacional de Tipografia) de Amadeu de Freitas. Parece-me que o seu autor se não deve surpreender com estas palavras. Nós sabemos perfeitamente que foi um romance comercial que ele quiz fazer. Por isso não receamos dizer-lhe que o seu livro está escrito numa prosa demasiado facil. Nele há frases assim: «Abandonei o camarote notavelmente impressionado, acabrunhado, pensativo». Diálogos como este: «—Este calor africano abrasa-nos, exclamou em certa altura Margarida.—Não admira. Estamos proximos de Africa». Se a linguagem é facil, a psicologia também. A anedota segue o ritmo normal de um filme de Jean Murat. Não faltam Nice, Monte Carlo, o céu azul do Mediterraneo, um milionario, raparigas muito elegantes e sentimentos pretensamente obscuros que se exteriorizam em actos triviaes da mecanica cinéfila de fingir, que uma mulher não gosta de um homem quando toda a gente está a ver que ela morre por ele. Mas, repito: se foi isto que Amadeu de Freitas pretendeu, sinceramente o creio — temos de confessar que o conseguiu.

JOÃO GASPAR SIMÕES

A génese do valor literário

(Continuação da pagina anterior)

bocado, quando lhes falava nos resultados prejudiciais dum critico influente.

Mas até que ponto se deve admitir esse grau influente, uma vez que sabemos que cada critico tem a sua verdade? Qual é, com efeito, o escritor que se pode gabar de reunir a unanimidade da critica? Nenhum. E todavia é em nome da mesma critica que ele é indistintamente aclamado ou denegrido — aclamado com exaltação ou denegrido com acrimonia. E' que o critico, sendo homem, é a medida de todas as coisas e não ha critica objectiva, como não ha arte objectiva. E' a sua irremediavel, indestrutivel parcialidade que explica o terreno de irreconciliação em que se debatem as opiniões antagonicas sobre o mesmo autor e a mesma obra. Finalmente, o critico intervém na apreciação das obras do espirito apenas com o seu gosto e todo o seu esforço consiste em defendê-lo com brilho. Mas defendendo-o, impõe-no; e impõe-no em des-

proveito da obra analisada, que actua simplesmente como *primum movens* e mais não é que a antítese concreta da sua teorização abstracta. Para expor pontos de vista pessoais, não ha como a maledicencia oficial; por isso a critica, que nela se define, é o caminho escolhido de preferencia pelos homens inteligentes que têm idéas na cabeça, e que só precisam dum pretexto ou dum estímulo para no-las mostrarem em corpo de doutrina. O pretexto — é o livro dos outros.

Tudo isto se inclui na génese do valor literário, que se me afigura, nestes tempos de panerise, duma facilidade consoladora. Mesmo que o escritor, apesar do formulario estetico que esbocei, não consiga apresentar-se como tal, nada de atitudes irreflectidas de renuncia, que comprometeriam gravemente o estudo das literaturas comparadas; faça da sua propria insuficiencia um poema, que sempre haverá uma Escola que o perfilhe e defenda. A Escola é a moda, e a moda não se discute — aceita-se.

PEDRO MAYER GARÇAO

Desencontro

Onde estou eu, meu Deus!,
Onde estou eu,
Que não me encontro,
Por mais que tente encontrar-me?

Onde estou eu, meu Deus!,
Onde estou,
Que os anos passam — a vida foge,
E eu quero saber quem sou?

Este, que comigo anda sempre,
Sonhador enamorado
Daquela barco perdido,
Que não chega, que não vem,
Não sou eu, meu Deus!, não sou eu:
Mas alguém,
Que vive, ha muito, o seu Alcaçer-
Quibir!

Quem sou eu, meu Deus!,
Quem sou eu,
Que não me encontro
Entre tantos encontrados,
E ninguém nunca me viu?

Talvez aquele que ainda não chegou,
Talvez aquele que ainda não partiu...

JOÃO PATRICIO